# O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis: Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 5 DE JULHO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:277


E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.


SUMMARIO: —Questão constitucional. — D. Maria Emilia de Moraes Sarmento.—Dr. Alexandre de Seabra.—Os patriotas.—Um novo partido politico. —Suppressão do districto d'Aveiro.—Eleição politica em Villa do Conde.—O real d'agua.—Arbitradores louvados.—Syndicante.—A ponte de S. João de Loure.—Noticiario.—As inspecções militares.—Folhetim: Os Crentes.—A conferencia de Badajoz. —Sulfato de cobre.—Misericórdia de Coimbra.—Carta da Figueira.—Carta de Cantanhede.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Bibliographia.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.


## AVEIRO

### Questão constitucional

Sob a presidencia do seu illustre e nobre chefe, sr. conselheiro Luciano de Castro, reuniu no sabbado ultimo o partido progressista, para resolver sobre a attitude a seguir no parlamento perante as medidas de fazenda.

Foi resolvido votar a generalidade do projecto sobre contribuição industrial, na intenção acertada de se lhe fazerem modificações que augmentem as receitas sem aggravamentos penosos, mas não a especialidade, se no projecto se não fizerem as importantes alterações que o partido entenda.

Assim, desejando o governo ficar auctorisado a resolver no interregno parlamentar as questões pendentes com a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e com o empreiteiro das obras do porto de Lisboa, para a sua conclusão por meio de um novo contracto, o partido progressista presta mais um bom serviço á administração publica, evitando que questões tão importantes sejam resolvidas exclusivamente pelo governo.

Estas deliberações causaram no paiz a melhor e a mais favoravel impressão, porque mais uma vez demonstram como o vêlho partido liberal zela e defende os interesses patrios e como sabe honrar as suas gloriosas tradições e comprehender os altos e sagrados deveres da sua nobilissima missão.

*

De harmonia tambem com o seu respeito pelos preceitos constitucionaes, o partido progressista resolveu pugnar em côrtes pela discussão do *bill* ainda na presente sessão legislativa, porque n'isso se empenha o paiz e se jogam os seus mais sagrados interesses contra o desmancho das leis a que procedeu o ministerio transacto, que se arvorou em uzurpador de todas as prerogativas e de todos os direitos constitucionaes.

Não se comprehende, na verdade, porque motivo hesita o governo ou a sua commissão em fazer discutir, julgar e condemnar os actos atrabiliarios do sr. Dias Ferreira, que não foi até ao exterminio completo de todas as garantias publicas porque lh'o não permittiu a attitude nobre e patriotica do partido progressista, e porque teve de cahir desastradamente perante os protestos da opinião, que o condemnou para sempre e o amarrou ao pelourinho da mais merecida e da mais patenteada exacração publica.

O partido regenerador combateu tambem algumas d'essas medidas, e não se explica porisso a attitude do governo perante o dever que elle sabe assistir-lhe de desmanchar toda a obra do demolidor insaciavel, refazendo o que elle desmanchou sem respeito pela ordem e pelo constitucionalismo, e sem vergonha pelos deveres de justiça e de moralidade que lhe cumpria respeitar.

O paiz está sem administração legal desde então.

*

No parlamento levantou-se ainda ha pouco a mais terrivel campanha de que ha memoria contra a entrada alli d'um homem que se diz *criminoso* por que se julga não ser portuguez, porque é banqueiro habil, porque tem realisado importantes transacções com os governos, e emfim porque, não sendo portuguez como erradamente se pretende, se tivesse *culpas* nem ellas seriam tamanhas como a dos *verdadeiros* portuguezes que se teem enchido e locupletado á custa do thesouro.

Pois no parlamento, onde tantos *patriotas* levantaram essa cruzada contra este homem, nenhum soube erguer ainda a voz para pedir a expulsão do que foi no governo, no governo pessoal, no governo exclusivamente pessoal e interesseiro que fez, o mais figadal inimigo do paiz e o primeiro adversario das instituições que nos regem!

Cumpriu a nossa terra, ciosa dos seus brios e dos seus direitos, o dever de expulsar da sua representação o nome do heroe. Mas não soube ainda o parlamento cumprir o seu, parecendo tambem que o governo quer fugir á apreciação dos actos de immoralidade e de devastação que elle praticou.

Depois da fome, da miseria, da ruina, do lucto, que a toda a parte levaram as suas medidas e os seus odios, quiz ainda esse homem celebrar-se ingloriamente fazendo do poder esteio de criminosos e gladio vingador dos innocentes. Houve eleições em que a soldadesca desenfreada e os chanfalhos da policia fizeram espadanar covardemente nas ruas e praças publicas o generoso sangue de muita victima; houve as lagrimas da viuvez e os gemidos da orphandade sobre que esse homem fatal atirou o escarneo do seu desprezo; houve as imprecações vehementes do povo na legitima defeza dos seus direitos; e houve os protestos eloquentes d'um paiz honrado, que por fim fez cahir do pedestal doirado do poder a estatua de papelão que o deslustrava. Mas emquanto a hora da justiça não chegou, demoliu-se todo o existente legal, levou-se á administração publica a confusão e a desordem, deixou-se a justiça sem tribunaes e a lei sem julgadores, mas collocaram-se na suprema direcção dos negocios publicos a parentella e os amigos, e decretaram-se leis para a salvação dos Urbinos!

Uma vergonha, e uma deshonra!

*

Folgamos, pois, com a acertada resolução do partido progressista, e comnosco o paiz inteiro, que espera vêl-o no parlamento tomar a iniciativa da discussão da importante questão constitucional. E' um dever de honra nacional, dever que o partido progressista tem como sagrado, como principio de amor pela justiça e como systema de affecto pela liberdade.

Honra lhe seja, pois.

## D. MARIA EMILIA DE MORAES SARMENTO

Do numero dos nossos mortos queridos, dos que mais caros nos foram sempre e dos que mais angustiosamente choramos, faz hoje parte tambem a Senhora D. Maria Emilia de Moraes Sarmento, querida irmã do nosso prezado chefe e digno par do reino, sr. conselheiro Manuel Firmino, virtuosa esposa d'um heroico bravo da Liberdade, o sr. coronel Jeronymo de Moraes Sarmento, e mãe estremecida do illustre deputado e coronel do exercito, sr. José Estevam de Moraes Sarmento.

Soffrendo ha longos annos d'um padecimento grave, de que parecia melhorar agora, victimou-a afinal uma congestão cerebral, que se lhe manifestou na tarde de sabbado ultimo, e que teve o seu fatal desenlace na manhã de ante-hontem para hontem.

Senhora de nobilissimos sentimentos, esposa em extremo dedicada e mãe amantissima, o seu passamento foi o mais rude golpe que a fatalidade podia vibrar ao coração de todos os seus, que tinham na illustre extincta o espelho de todas as mais santas virtudes e o laço sacrosanto de todas as mais arreigadas affeições.

Grande de coração e altiva de caracter, de alma affeita a todos os commettimentos generosos e aberta a todas as dores extranhas, levava 74 annos d'uma existencia entrecortada de soffrimentos e angustias penosas, mas feliz com os affectos da familia, que a estremecia, que a venerava com idolatria jámais excedida.

Esposa, como dizemos, d'um heroico veterano das liberdades patrias, soffreu com uma notavel resignação todos os horrores d'uma perseguição terrivel, todas as dôres d'uma separação crudelissima, de longos tempos, todos os tormentos e todas as angustias da proscripção d'aquelle bravo, não chegando a acompanhal-o no exilio e no desterro porque, alcançada essa auctorisação por intermedio da duqueza da Terceira, chegára só á noite ao porto de onde partira o marido ao romper d'alva.

Foi tambem uma heroina e uma martyr d'aquelles horrorosos tempos da guerra civil; e, em quanto o esposo passava os perigos e os horrores d'aquellas sanguinolentas luctas fratricidas, onde os odios e a crueldade inimiga levara até ás enchovias, arrastada sem compaixão, a mãe do brioso soldado, que expiou alli a culpa de lhe haver dado a vida, ella, a esposa dedicada, a mãe affectuosissima, cingia no seio a fronte loira do filho estremecido, do filho que mais tarde devia ser honra e gloria do exercito portuguez, soffrendo heroicamente, valorosamente, como poucos saberiam e poderiam soffrer, até que o combatente audaz e forte, aquelle bravo e aquelle benemerito, ajudou a erguer e a desfraldar na ilha Terceira a immaculada bandeira azul e branca, passando depois ao Porto, onde lhe estavam ainda reservados os perigos e as atrocidades do cêrco.

Filha e irmã tambem de heroes e de martyres politicos, vio rolar, em frente do convento da Serra, varada por uma bala, a cabeça d'um irmão, Domingos d'Almeida Maia, que era um forte e um destemido soldado do exercito em que se alistara.

Era, pois, d'uma familia de bravos e de heroes a illustre extincta, e era agora a unica irmã do nosso querido chefe, sr. conselheiro Manuel Firmino. Ainda ha pouco a vimos, pallida sombra do que foi, mas parecendo vender saude, e com uma fé e uma esperança de vida que nos encheu de satisfação. Mal pensara ella, a pobre senhora, e mal pensavamos nós, que nos costumaramos a querer-lhe tanto e a ver n'ella uma reliquia estremecida da familia, que era então a ultima vez que nos viamos até á dolorosa jornada em que temos tambem de acompanhal-a!

E' isto a vida. Um raio de luz que as tempestades ás vezes respeitam por muitos annos, mas que um leve sopro apaga, n'outras vezes, quando menos se espera!

Nos seus ultimos momentos teve ainda a suprema ventura de ver em volta do seu leito, reunidos no mais pungente e no mais dilacerante quadro de dor, o esposo amantissimo, o filho dedicado, a nora, estremosa por uma dedicação sem limites, os netos carinhosos, quasi todos os seus mais queridos e que mais amou em vida.

Triste e penosissima, esta derradeira consolação, mas felizes dos que a podem ter ainda, tão sincera, tão merecida, como esta era!

Paz á sua alma boa e nobre, e a sincera expressão da nossa grande dôr —porque ella é tambem e profundamente nossa—a todos os feridos por tão duro golpe.

## DR. ALEXANDRE DE SEABRA

Fez dois annos no domingo proximo passado, que falleceu em Anadia o dr. Alexandre de Seabra, uma das individualidades mais prestantes, mais distinctas e mais respeitaveis d'este paiz. Deixou um nome que é uma gloria no fôro portuguez, muitos actos de grandiosa nobreza de sentimentos e generosidade de caracter, e muitos exemplos a seguir.

A saudade pelo amigo e pelo mestre é por isso cada vez mais intensa.

O morto illustre era pae estremecido da virtuosa espoza do nobre chefe do partido progressista, a quem mais uma vez enviamos a expressão sincera do nosso sentimento.

### Os patriotas

No jornal hespanhol *El-Nuevo Régimen*, escreve o sr. Pi y Margall, chefe do federalismo no visinho reino, n'um extenso artigo de referencia ao acto de Badajoz, as seguintes linhas, para que não podemos deixar de chamar a attenção do paiz:

«Não, não queremos a confederação com Portugal; queremos, sim, a fusão de Portugal e Hespanha. Realisada essa fusão, qualquer sacrificio, que fizessemos, não seria por Portugal, seria pela nação iberica.»

Comprehenderam bem?

Os republicanos portuguezes foram alli negociar a venda da patria, e entrega do seu paiz aos hespanhoes, a troco da miserrima veleidade d'uma mudança de instituições, que, pensam elles, os collocaria na suprema direcção dos negocios publicos.

Que triste espectaculo esta gente se destinou representar aos olhos do paiz e da Europa! Que orientação, e que principios, santo Deus!

### Um novo partido politico

#### Desmembração dos republicanos—Nacionalistas e ibericos.

As *Novidades* põem assim a questão:

Constando-nos ser grande e profundo o descontentamento que lavra no partido republicano, onde muitos são radicalmente oppostos ás manobras e intenções ibericas dos que foram a Badajoz, tendo-nos constado, mesmo, que elementos dos mais valiosos n'esse agrupamento politico se achavam em disposição de formar o partido *republicano nacionalista*, entendemos ser d'um grande aproposito *intervieuvar* um d'aquelles que não tinham ido ao banquete da cidade fronteiriça. Procurámos pois o sr. Consiglieri Pedroso, antigo deputado, antigo membro do directorio e que, apesar de retirado ha algum tempo da actividade das luctas do partido, dispõe n'elle d'uma justa influencia, tanto pelos serviços prestados como pela sua respeitabilidade scientifica.

O resultado d'essa entrevista é da mais alta importancia, como vae vêr-se. Escusamos, pois, de alongar-nos em considerações que seriam ociosas.

O partido nacionalista, que será o protesto contra o partido iberico, parece-nos em via de formação immediata, e tantos são os descontentes com o acto de Badajoz, tantos são os que querem ficar portuguezes, na hora triumphante do seu ideal, que nos parece serão os nacionalistas que, em pouco tempo, terão a melhor situação dentro do partido. Aqui está o que nos disse o sr. Consiglieri Pedroso:

*

— Desejava ouvil-o a proposito do famoso acto de Badajoz, para poder fornecer aos leitores das *Novidades* uma idéa das diversas correntes que a esse respeito vogam no partido republicano.

— Não fui convidado, e ainda que o fosse não teria ido. Se me tivessem de antemão pedido o meu conselho, e eu soubesse as condições em que os republicanos iam a Badajoz, procuraria dissuadil-os de semelhante jornada. Por isso, tambem não adheri, nem por carta, nem por telegramma.

— V. ex.ª, pelo que vejo, não approva, então, o accordo assentado em Badajoz?

— Exacto. Sou contrario a uma federação ou a uma confederação com a Hespanha, porque, dada a actual situação das duas nações peninsulares, isso significaria inevitavelmente a absorpção de Portugal. A propria declaração, tantas vezes repetida, de que a Hespanha respeitaria a autonomia de Portugal, acho-a humilhante para o meu paiz.

— Parece, comtudo, que nem essa affirmativa humilhante feriu as susceptibilidades dos *patriotas* que foram a Badajoz, e que o partido republicano, acceita, apesar de tudo, as condições do pacto por elles realisado.

IBERICOS E NACIONALISTAS

— Todo o partido não. A divisão da Hespanha em estados, para, assim fraccionada, constituir com Portugal uma federação, é apenas uma aspiração de philophos sem realidade pratica. Muitos republicanos sabem que não seria possivel garantir a nossa autonomia, por isso que estariam sempre de um lado todos os estados hespanhoes em presença, e não raro contra Portugal. De resto, um organismo que tem, sob a sua forma actual, perto de quatro seculos de existencia, não se transforma, n'um dia, por meio d'um decreto ou da votação do parlamento. Alem d'isso, tambem nem todos os republicanos estão, em Hespanha, de accordo com o programma federal; por exemplo os centralistas e os zorrillistas. Exactamente os que vieram a Badajoz são os que menos de accordo estão com a idéa da federação.

— Sim, e até o proprio passado de Salmeron, as tradições centralistas do seu governo, contradizem inteiramente as combinações de agora.

O PENSAMENTO DA FEDERAÇÃO É ANTI-SCIENTIFICO

— E deixe-me dizer-lhe mais. A idéa da federação iberica em que entraria Portugal, como estado componente, assenta em erradas asserções scientificas, apezar de pretender passar por solução recommendada pela sciencia Portugal e Hespanha *não são o mesmo povo, não fallam a mesma lingua*; tem por varias vezes e em diversas epocas *uma historia divergente*; os elementos ethnicos que compõem as duas nacionalidades não são os mesmos exactamente, e até a natureza do solo que ambos habitam e o seu relevo orographico explicam em parte a sua separação. A historia do seculo XVII mostra bem que nem todo o despotismo absorvente da casa de Austria foi capaz de soldar Portugal ao resto da peninsula. Veja o que se dá ainda hoje com Olivença, onde a lingua portugueza se falla correntiamente.

— V. ex.ª considera, portanto, inacceitavel, perante a sciencia, o principio da federação iberica. E perante a politica?

— Egualmente. Nas circumstancias actuaes a federação de Portugal e Hespanha, seria a federação de duas nações independentes previamente, e semelhante facto não tem precedente na historia da Europa. Nem a unidade da Italia, nem a da Allemanha se lhe podem comparar. Não tem paridade com a *união pessoal* da Suecia e da Noruega, nem com o *dualismo* austro-hungaro. A Noruega passou da sujeição á Dinamarca a ser governada pelo rei da Suecia, mas apezar do tenue laço que a prende á nação irmã, a questão da representação diplomatica ameaça despedaçar esse laço. Em quanto á Hungria, o dualismo é apenas o compromisso negociado por Francisco Deak, sob as ruinas do programma de Kossuth, que visava á completa independencia da sua patria. A Hungria escravisada, não podendo ser livre, acceitou, para não perder tudo, a federação com a Austria, que era um progresso relativo. Mas, independente nunca a teria acceitado. E note ainda que a questão dos *honveds* está egualmente ameaçando o dualismo austro-hungaro.

NEM FEDERAÇÃO NEM CONFEDERAÇÃO

— A theoria da federação applicada á hypothese é, pois, para v. ex.ª, scientificamente um erro e politicamente um impossivel. Não é isto o que devo concluir das suas palavras?

— Exactamente. O que faz de Portugal uma nação independente, e que o não deixa fusionar ou fundir-se com outra é a sua lingua, as suas tradições historicas, e as suas colonias (incluindo o Brazil) que o attráem para fóra da peninsula. A situação de Portugal para com a Hespanha é egual á da Hollanda para com o imperio allemão. Apparentemente, os Paizes Baixos assemelham-se a um simples appendice da Allemanha, mas como a esse appendice estão presas as colonias das Indias Orientaes, não é possivel a encorporação ao colosso visinho. A nossa Java é Angola, onde já temos o esboço de um imperio, quasi tão grande como o do Brazil, que perdemos. São estas as razões porque, embora republicano, eu sou nacionalista e combato como politico qualquer federação com a Hespanha. Desejo a maior sympathia, a maior confraternidade, para com a nação visinha, até mesmo e em certas condições uma alliança defensiva, para assegurar á peninsula os beneficios d'uma paz sem desdouro, mas não quero nem federação nem confederação.

— E' evidente, por tudo isso, que os *patriotas* que acceitaram o convite para o banquete de Salmeron, e os que não foram mas telegrapharam a sua acquiescencia, se precipitaram em uma imprudencia perigosa. Não parece, tambem, a v. ex.ª que uma parte do partido repudiará os accordos que elles lá realisaram em seu nome?

— Creio-o positivamente. Os republicanos que foram a Badajoz praticaram até, emquanto a mim, um grave erro. Em primeiro logar o grosso do partido nas provincias, e mesmo em Lisboa, não os acompanha, logo que comprehenda o alcance que o acto pôde ter. Depois, mesmo que o partido os acompanhasse, o paiz não acceita a idéa d'uma federação com a Hespanha. Com relação a este ponto não tenho a menor duvida.

— A prova d'isso parece-me, mesmo, facil de ver na desorientação dos jornaes republicanos, e na sua fraca defeza contra a accusação de traidores, que a imprensa monarchica lhes vibra.

UM ERRO DE TACTICA

— Sim. Tambem, e sem necessidade, por um erro de tactica, o partido republicano passou da offensiva em que até agora tem estado, e que é a melhor posição para um partido de combate, para a defensiva, dando pretexto aos seus adversarios para inverterem as situações. Sem necessidade foi complicar a questão politica iinterna, para cuja resolução podia ganhar valiosos alliados, graças á indifferença geral do paiz em presença das instituições vigentes, com uma questão nacional onde encontrará unidos contra si muitos que a não ser semelhante imprudencia teria de serto ao seu lado. Até o momento foi o menos opportuno. O acto de Badajoz, a seguir ao *ultimatum* de 1890, teria quasi o cunho d'um desforço patriotico, e no calor do espirito publico sobreexcitado acharia uma plausivel desculpa, senão uma cabal justificação. Por isso, durante o tempo em que fui deputado, e em que fiz parte da direcção do partido republicano, fui o mais cauteloso possivel, não alimentando, como politico, aos republicanos hespanhoes, com quem tinha relações pessoaes, a menor esperança iberica.

— V. ex.ª foi, portanto, quando era membro do directorio, contrario sempre á federação?

PELA UNIDADE NACIONAL!

— O meu lemma foi sempre Portugal, não só autonomo, porque a autonomia não basta para o caso, mas completamente independente e soberano, embora considerando e tratando com especial predilecção a visinha nação hespanhola. Póde-se lastimar que os successos historicos tivessem determinado o dualismo nacional na peninsula. Póde-se criticar como philosopho semelhante facto, e antepôr-lhe o que teria sido para o equilibrio europeu e para a sorte da peninsula, uma Iberia una. Mas o facto realisou-se, está consummado, e nem todas as criticas o podem alterar. A epoca em que podiam iniciar-se novas combinações nacionaes passou para não mais voltar. O que está feito, está feito.

— Está feito, e não ha de ser a pittoresca divisão de Portugal em quatro estados, como se combinou em Badajoz, que o ha-de desfazer.

— Não lhe fallei na divisão de Portugal em estados, porque não acredito que haja um republicano portuguez de tino, que em tal pense. Portugal é a nação mais homogenea da Europa, e seria ridiculo querer applicar-lhe a organisação, que, por exemplo, á Hespanha póde convir, pelas suas tradições e pelo seu espirito cantonal ou federalista. Assim como em Portugal nunca tivemos feudalismo propriamente dito, tambem a unica organisação administrativa que lhe convém é d'uma larga, embora prudente, descentralisação. Além d'isso, se a entrada de Portugal *uno* na federação iberica, seria a perda da nossa nacionalidade, a entrada de Portugal *fraccionado* seria a perda até do proprio nome que na historia occupa tantas paginas gloriosas.

## SUPPRESSÃO DO DISTRICTO D'AVEIRO

Em artigo sob a epigraphe *Economias ou desperdicios*, encontramos na *Tarde* de hoje um artigo em que um sr. J. R. advoga a suppressão do nosso districto administrativo, dizendo-a e achando-a vantajosa e não prejudicial para ninguem!

Não temos hoje tempo nem espaço para desfazer o arrazoado do sabio sr. J. R., que, sem conhecimento das coisas do districto d'Aveiro, se mete a apreciar a conveniencia da sua suppressão, imaginando tirar d'ella *economias* para o estado!

Foi essa sempre a ideia do partido regenerador. Mas descance o sr. J. R. que o não conseguirá porque o partido progressista se levantaria com todas as suas forças contra o attentado; nem passarão sem protesto as suas *generosas* intenções a nosso respeito. Conversaremos em occasião mais oportuna.

## ELEIÇÃO POLITICA EM VILLA DO CONDE

O nosso correspondente d'alli, diz-nos em data de 3, o seguinte:

Reuniu a assembleia do apuramento, dando ao candidato governamental 41 votos de maioria. Houve grandes irregularidades na assembleia d'esta villa. Um dos cadernos registra 502 descargas, outro 509, o edital 507 e a acta 598! Tudo n uma grande confusão. Votaram muitos ausentes, menores e não recenseados. Houve muitos protestos. Grande apparato bellico, comparecendo a força militar, policia civil e cabos de policia de todas as aldeias, com grandes cacetes.

Consummou-se o escandalo. Acima d'elle, porem, estará o tribunal, que invalidará um dos actos politicos mais torpes que n'estes ultimos tempos se tem praticado. Esperamol-o.

### Arbitradores louvados

Como em tempo dissémos, o nosso querido amigo e illustre deputado da nação, sr. dr. Barbosa de Magalhães, apresentou ás côrtes um projecto de lei de grande importancia, restabelecendo a classe dos arbitradores louvados. Este projecto já tem parecer favoravel da commissão de legislação civil, e vae ser apresentado, esperando-se que seja votado logo.

O projecto é assim concebido:

«Artigo 1.º A nomeação de peritos ou louvados para arbitradores por meio de exame, vistoria ou avaliação, quando competir, segundo as leis de processo, ao ministerio publico, ao curador dos orfãos, ao juiz ou ao tribunal, só poderá recahir em individuos nomeados pelo governo, precedendo concurso, para exercer essas funcções.

§ 1.º Exceptuam-se d'esta disposição os arbitramentos sobre objectos cuja apreciação exija conhecimentos especiaes.

§ 2.º O concurso effectuar-se-ha por provas publicas, na respectiva comarca, perante um jury composto do juiz de direito (presidente) do delegado do procurador regio, e do conservador do registo predial,

§ 3.º As condições de admissibilidade a este concurso, a sua forma, o programma das materias sobre que versarão as provas publicas, e o modo de distribuir equitativamente entre todos os nomeados o serviço de arbitramentos, serão objecto de regulamento especial.

Artigo 2.º Para o exercicio das funcções a que se refere o artigo 1.º, são reintegrados nos seus respectivos logares todos os que estavam legalmente nomeados arbitradores judiciaes á data da publicação do decreto de 15 de setembro de 1892, ainda que não satisfaçam ás novas condições exigidas para o desempenho d'esse cargo, ou excedam o numero que, sob proposta do presidente da relação, fôr fixado pelo governo para cada comarca.

Artigo 3.º São declaradas sem effeito as disposições decretadas em 15 de setembro de 1892, e posteriormente, sobre nomeação de peritos ou louvados, e sobre exames, vistorias ou avaliações.

Artigo 4.º Fica revogada a legislação em contrario.»

E' uma questão resolvida.

### O real d'agua

Parece que não será discutida na presente sessão a proposta que transformava o real d'agua, pela contribuição fixa e directa sobre a propriedade territorial. Pela nossa parte só temos que felicitar-nos pela attitude que tomámos em frente da questão, que desde a sua apresentação não considerámos viavel e que combatemos convicta e energicamente.

A proposta tinha tudo contra si, e só havia a applaudil-a os interessados. Perdiam com a transformação os proprietarios, não lucrando o consumidor. Aperfeiçoem-se as matrizes, para que a fazenda publica possa auferir outras receitas. Antes d'isso, será tumultuario tudo quanto se faça, e o augmento será sempre um gravame para os que actualmente se acham mal collectados e pagam mais do que devem, como diz um illustrado collega nosso.

### Syndicante

O sr. governador civil do Porto encarregou o official-maior do governo civil, o sr. dr. Arnaldo de Faria, de ir syndicar dos actos praticados pelo administrador do concelho de Villa do Conde, na eleição de deputados que alli se verificou ha dias. Cremos que a escolha não podia ser mais acertada. O sr. dr. Arnaldo de Faria é um dos mais distinctos funccionarios administrativos do paiz, intelligencia superior e caracter incorruptivel; e é para nós de fé, por isso, que s. ex.ª se ha-de desempenhar bem da commissão, aliás pouco grata, que lançaram sobre si.

O que dizemos é-nos dictado pela consciencia que temos da alta probidade do illustre syndicante.

### A ponte de S. João de Loure

Parece que a ponte metalica, que se está lançando sobre o Vouga, não fica com a altura precisa para o facil trajecto da navegação. Se assim é, muito mal ficará a obra que tão desejada e tão util se torna.

As sr. director das obras publicas cumpre fazer o exame d'ella, pois que se ha defeito e elle se pode ainda remediar, bom será não deixar isso para quando o mal, se o ha, não tenha cura.

Prevenimos com tempo.

## NOTICIARIO

**Notas da carteira.**—De regresso de Pariz, chegou já ha dias a esta cidade o nosso illustrado conterraneo e apreciavel escriptor, sr. Carlos de Faria, e sua ex.ma familia. A chegada de suas ex.as foi muito festejada no Cabouco, pelos creados d'aquella magnifica quinta, que embandeiraram a casa e fizeram outras demonstrações de regosijo.

— Regressou da capital, onde, como dissémos já, foi muito festejado pela forma brilhante porque toureou nas praças do Campo Pequeno e de Cintra, o nosso sympathico amigo e distincto *sportman*, sr. Mario Duarte.

— Tem estado gravemente doente o sr. Fructuoso Martins da Graça, digno chefe da estação telegrapho-postal de Anadia. Fazemos sinceros votos pelas suas melhoras.

**Adiantamento precoce.**—Fez exame de francez no lyceu do Porto o menino Augusto de Castro Sampaio Corte Real, filho do sr. conselheiro Augusto Maria de Castro Corte Real, muito digno procurador regio junto á relação do Porto. E' o 2.º exame que faz este anno e sempre com excellente classificação. Recebam seus ex.mos paes por isso os nossos parabens.

**Fallecimento.**—Falleceu na sua casa de Montemór-o-Velho o nosso distincto collaborador e amigo, sr. José d'Ornellas da Fonseca e Napoles, advogado muito conhecido e escriptor de reconhecido merito.

O partido progressista perdeu no illustre extincto um valioso auxiliar e um fervoroso correligionario.

Sentindo o seu passamento, acompanhamos os que mais proximos lhe estão no sentimento que os fere.

**Mais.**—Acaba de fallecer aqui o sr. Joaquim da Silva Queiroz, conductor de obras publicas. Foi victima d'um antraz, que dentro de poucos dias o levou á sepultura. Gozava creditos de empregado zeloso. Era do concelho de Bayão, e tinha apenas 53 annos de edade.

**Festival a S. Pedro.**—No proximo sabbado tem logar na rua de José Estevam ruidosos festejos ao Principe dos Apostolos, constando de uma vistosa e elegante illuminação, composta de balões venezianos e copinhos á moda do Minho, em toda a rua, que será embandeirada profusamente. Tocarão alli as duas phylarmonicas, os seus novos e escolhidos reportorios. Haverá tambem muito e variado fogo do ar, algum de novo effeito, e varios balões aerostaticos. Com taes attrativos não deve faltar a concorrencia.

**Bazar em Ilhavo.**—Deve começar no proximo domingo, em Ilhavo, a rifa, ou bazar, dos numerosos objectos offerecidos á benemerita associação dos bombeiros voluntarios d'aquella villa, em beneficio do seu cofre. E' dever de todos os que deveras se interessam por aquella terra, concorrer á festa dos bombeiros. A instituição, além de prestante e benemerita, é das mais sympathicas e humanitarias.

**Eleição.**—Como no domingo passado não houve numero de irmãos para se proceder á eleição da nova Meza da Misericordia d'esta cidade, ha de realisar-se no proximo domingo, se alguem apparecer para isso.

**Ponte d'Angeja.**—Foi entregue o ramo dos direitos de portagem d'esta ponte ao sr. João Rodrigues Caetano, d'Angeja, que offereceu o maior lanço.

**A quem soffre de rupturas.**—E' grande o mal que acompanha as pessoas que soffrem de hernias ou rupturas, pois que não andando acauteladas com fundas apropriadas ao mal, de um momento para outro podem deixar de existir. Uma funda menos apropriada ao mal póde até aggraval-o, desenvolvendo-o.

Livra-se d'isso quem procurar fundar-se apropriadamente e para isso não podemos deixar de aconselhar que procurem o estabelecimento do sr. **Antonio Teixeira da Motta,** rua de D. Pedro n.º 87 — unico deposito de fundas nacionaes e estrangeiras no Porto.

E' uma das mais antigas casas d'aquella cidade e das mais acreditadas n'este genero. Aconselhamos que a procure quem tiver necessidade de uzar de fundas. Alli encontra-se alem de commodidade nos preços, a melhor boa fé e a mais scientifica applicação da funda apropriada. E porque sabemos isto de sciencia propria, assim o affirmamos. Vide o respectivo annuncio.

**Trabalho no mar.**—Tem agora sido mais proficuo, para algumas companhas, o trabalho do mar, pois que no Furadouro já houve lanço de 400$000, e nas costas cá para o sul — Torreira e S. Jacintho de 100$000 e 150$000, havendo outros muito inferiores. As pescas de hontem, boa sardinha, vendeu se hoje por 1$200.

O mar continua de trabalho.

**Salinas.**—Estão já proximas a produzir a maior parte das salinas da ria. Dentro de poucos dias pois teremos sal novo nas eiras. O tempo embrulhado como anda sempre, não offerece probabilidade de uma larga colheita. Como ha ainda sal velho bastante não ha-de haver falta d'este genero.

**Preço do vinho.**—O preço do vinho vendido ultimamente na Bairrada, regula por 1$600 réis cada 20 litros. Não é barato, porque o anno tem corrido bem para a vinicultura, e a nascença é grande.

**Incendio.**—Arderam uma porção de matta no pinhal de Leiria. Calcula-se que a área queimada tomará um espaço de 10 hectares. O facto succedeu na 1.ª secção, proximo da Vieira, e n'uma sementeira de poucos annos.

**Os bombeiros portoenses em Londres.— Uma carta do sr. Guilherme Fernandes.** — O sr. Guilherme Gomes Fernandes, illustre inspector geral dos incendios, dirigiu uma carta interessantissima ao nosso collega Emygdio d'Oliveira, em que, entre as suas impressões da ultima viagem á Inglaterra, lhe narra a brilhante odyssea dos nossos bombeiros no certamen de Londres.

Temos sempre uma intima satisfação em registrar as acções honrosas do nosso paiz, e por isso não fugimos á tentação de transcrever para aqui um trecho d'essa carta singela e despretenciosa, como doce cavaco, que é, entre velhos amigos inseparaveis. Eis o *raconto* do sr. Guilherme Gomes Fernandes:

. . . . . .

Aqui vim descançar agora alguns dias, no paiz de Galles. E vindo aqui, não podia deixar de fazer *piéd á terre* em Bangor, onde varias vezes vim passar as ferias, no tempo em que estudava em um collegio proximo de Liverpool.

E que agradavel não é recordar esses bons tempos da mocidade; e ao mesmo tempo tão triste! Mas eu gosto d'estes cambiantes. Parece que assim a manotonia da vida não é tão frisante. Assim como se aprecia melhor o recreio depois do trabalho, o descanço depois da fadiga, o prazer do regresso depois da ausencia, tambem a recordação dos tempos felizes da mocidade nos dá alento para encararmos com resignação e esperança o pôr do sol da existencia. E não podia escolher melhor local para descançar das fadigas e canceiras d'essa vida de bombeiro, a que me dediquei de alma, vida e coração, e me tem sempre em continua vigilancia ou em afanosa tarefa de ensino e estudo. E agora, mais do que nunca, precisava refazer forças, depois do torneio que se levou a effeito em Londres e onde trouxe alguns dos nossos bombeiros e um carro de escadas e ferramentas, como sabes. Noi foi o cansaço phisico que me alquebrou, porque não marinhei pelas escadas, nem as arvorei. Essa tarefa tiveram-n'a os meus bombeiros, e eu apenas os acompanhava no carro, quando entrava á desfilada na arena e a contornavam duas vezes antes da paragem e das escaladas e outras manobras que se seguiam, sempre debaixo de um chuveiro de applausos e acclamações que echoarão para sempre no timpano dos meus ouvidos, para satisfação e recompensa de quantos sacrificios possa ter feito para a montagem do nosso serviço de incendios. Era a fadiga de espirito que pedia tregoas, porque bem podes avaliar a anciedade em que estava quando os meus bombeiros trabalhavam (e deixa-me chamar-lhe meus, não só pelo muito que os estimo, mas por ser eu quem os criou), porque era o resultado do meu trabalho e dos meus esforços que tinha de ser apreciado por juizes de competencia, bombeiros de nomeada universal—era tambem um trabalho novo, differente do que elles conheciam, obra minha, puramente minha e com material tambem novo para elles e que a justiça e o estudo me levaram a fazer construir. E tudo isso tinha de se pôr em evidencia e em confronto com o material de outras nações e com o seu systema de manejo e applicação, tão differente do meu!

Não calculas a minha anciedade, especialmente no primeiro dia. Jogava a minha reputação e a dos meus bombeiros—uma *maladresse*, uma hesitação, um mal entendido de qualquer ordem que fosse podiam prejudicar tudo, e anniquillar para sempre o trabalho de tantas noites de vigilia e estudo, de tanta fadiga e canceira no ensino, de tantos annos de labutação incessante, que ninguem sabe, porque não vê e porque só conhece a parte mediocre da tarefa,—a da extincção dos fogos. Mas tu que sabes a fama que tenho tido e a lucta travada para architectar tudo, organisar, educar, planear; e emfim, reconstruir de novo e ao mesmo tempo destruir velharias e conquistar o posto e o nome que deve ter a corporação da segunda cidade do reino, podes tambem avaliar o trabalho e os desgostos que tal emprehendimento me terá custado e o quanto me pungiria, se me não matasse, um fiasco qualquer! Eu nunca esperei um triumpho e apenas ambicionava benevola acceitação; mas o acolhimento que tivemos, excedeu toda a minha expectativa. O triumpho foi completo. Os meus bombeiros, longe de se sentirem acanhados, nervosos e hesitantes, o que não seria estranhavel, tendo de trabalhar diante de milhares de pessoas desconhecidas, julgados por bombeiros de valia e aureolados pela fama dos seus feitos, longe do seu paiz e ainda com a enorme responsabilidade da honra do convento—que n'aquella occasião era a honra da patria, porque eram portuguezes que traçavam armas com outras nações, muito embora não fossem armas de exterminio e conquista, mas armas humanitarias e de salvação, que são as unicas em que a nossa pequena patria d'hoje pode ser tão grande e respeitada como outr'ora, quando as quinas portuguezas fluctuavam victoriosas nos campos de batalha—os meus bombeiros, repito, nunca mostraram tanta corgem e sangue frio e nunca os vi escalar um predio com tanta agilide de firmeza, como nunca os vi despenharem-se na descida com tanto *élan* e rapidez. Perfeitamente assombroso! Eu proprio me surprehendi! Ao silencio completo que reinou na sala durante a execução da primeira manobra, a arvoragem da escada *acrochets*, sem se servirem do gancho de segurança e apenas com o auxilio da perna e o corpo desamparado e lançado para fóra até ao ultimo andar do predio, cerca de 30 metros d'altura, e durante cujo exercicio, milhares de espectadores estiveram suspensos de receio, seguiram-se as acclamações mais ruidosas e enthusiasticas a que tenho assistido. Não costumo tremer—os meus nervos são apparentemente insensiveis a qualquer sensação; mas confesso que n'aquelle momento as pernas pareciam vimes e por pouco não cahi, aturdido de satisfação e surpreza. O promontorio mais difficil estava vencido e a certeza da victoria era infallivel como foi; mas a minha anciedade só terminou com o ultimo exercicio, sempre receioso de um desastre. Felizmente nenhum se deu. Apenas leves arranhaduras e contusões, motivadas pelas más condições do «predio fac-simile», que a arnica e o repouso farão desapparecer em breves dias.

Os dias de exercicio que se seguiram ao primeiro (duas manobras por dia!) foram um *crescendo* de perfeita execução e augmento progressivo de applausos e felicitações, algumas d'estas de compatriotas nossos—as que mais apreciei; e entre essas, as do nosso ministro, o sr. Luiz Soveral e do secretario, o Alfredo Castro, amigos velhos. A correcção do nosso trabalho; a apotheose, deixa-me assim chamar-lhe, foi o sermos chamados á arena e condecorados em 1.º logar por uma dama elegante e sympathica, a filha do grande veterano dos bombeiros, sir Eyre M. Shaw e receberemos do publico e dos camaradas estrangeiros a mais commovente e enthusiastica manifestação que podes imaginar e á qual respondi n'um improviso a que a sinceridade que o dictou pôz a eloquencia da verdade e da gratidão, que n'aquelle momento valia mais do que a eloquencia do orador mais erudito e fez brotar nova explosão de applausos, e tão insistentes, que ainda na rua fomos acclamados! Aqui tens o que viemos fazer a Londres e o resultado da nossa vinda.

Não te fallo dos jantares e das inumeras finezas que recebemos, porque para castigo já bastam as cinco folhas de papel escriptas, e quero reservar alguma coisa para a cavaqueira, no meu regresso.

Tens sido injusto, queixando-te de que te não escrevo. Vingui-me agora.

Emquanto ás indagações ácerca de preços etc., para a nossa projectada viagem ao Mediterraneo, está cumprida a missão. Provavelmente no meu regresso a Londres, terei a resposta.

Oxalá essa ideia se possa realisar e que os companheiros sejam como tu, espiritos observadores, bons amigos, intelligentes, illustrados, e eu o mais mediocre de todos. A' falta de melhores predicados, serei eu o cicerone do itenerario e dos pontos notaveis a vêr, por já conhecer aquellas paragens. Cada um dá o que tem. Agora vou partir para Llandudno, depois a Londres e sigo pela Dinamarca e Belgica para a «invicta bisbilhoteira», onde os que mais amigos se fingem, são os que mais nos mordem... felizmente nos calcanhares e sem fazerem ferida, graças ao contraforte.»

**Distribuição de donativos.**—O sr. deputado José Maria d'Alpoim já fez a distribuição, nos concelhos da Regua, Mesão-Frio e Lamego, das quantias que recebeu, para serem dadas ás victimas das trovoadas do dia 7 de maio n'aquelles concelhos. Os donativos obtidos foram os seguintes: —500$000 reis, de sua magestade el-rei; 1:000$000 reis, do cofre dos innundados, a pedido d'el-rei feito a sua augusta mãe; 1:565$560 reis, proveniente da recita no theatro de S. Carlos, devida á caridosa iniciativa de sua magestade a rainha; 200$000 reis, entregues pelo sr. José Vaz Osorio, da Regoa, d'uma casa exportadora de vinhos, estrangeira, da cidade do Porto, e cujo nome se ignora. Prefazem estas quantias a somma de 3:165$560 reis.

Essa somma foi dividida pelos tres concelhos em partes eguaes.

**Rainha Santa.**—Celebra-se este anno com toda a pompa em Santa Clara a festividade da Rainha Santa Isabel, padroeira de Coimbra. O programma dos festejos é o seguinte:

Dia 30 de julho, pelas 6 horas da tarde:—Procissão conduzindo a imagem da Rainha Santa Isabel do convento para a egreja de Santa Clara. Haverá *Te-Deum*, exposição do SS. e a devoção do 1.º dia de Novena.

Dias 1 a 8 de julho, todos os dias pelas 6 e meia horas da tarde;—Novena a instrumental, com o Sacramento exposto, e no fim benção do SS.

No dia 3 de julho irá a Universidade celebrar as vesperas da Rainha Santa e no dia 4 a missa segundo o costume. Foi distribuido o sermão d'esta festividade ao sr. dr. Porphirio Antonio da Silva, lente da faculdade de theologia.

Dia 9 de julho:—Festa da confraria. A's 10 horas da manhã, antiphona e oração da Rainha Santa, sermão pelo sr. padre Julio de Carvalho, prior de Tentugal, *Te-Deum laudamus* e procissão reconduzindo a veneravel imagem para o convento.

Digna-se presidir á festa da tarde s. ex.ª rev.ma o sr. Bispo Conde, e são convidadas a assistir as auctoridades.

Faz a guarda de honra uma força do 23 com a respectiva banda.

**Comboio em perigo.**—O comboio da linha do Douro que chega ao Porto ás 6 horas e meia da tarde soffreu na sexta-feira grande abalo entre a estação do Juncal e Marco de Canavezes em virtude de haver-se desprendido um grande pedrugulho de uma trincheira, quando o mesmo comboio passava. Soffreram damnos o fourgon, o wagon de bagagens, uma carruagem de 1.ª, outra de 2.ª e outra de 3.ª. Os passageiros soffreram susto enorme. O comboio parou, seguindo pouco depois para Marco de Canavezes, onde ficaram os wagons damnifidos. A chegada ao Porto foi á tabella. Se o pedrugulho cahisse alguns segundos antes, o desastre seria terrivel, por que o logar é em rampa e o comboio descia com muita velocidade.

**Exercicio de tactica applicada.**—Realisou-se no sabbado proximo, em Lisboa, e nas proximidades de Payam, um exercicio de tactica applicada pelos alumnos mais robustos e mais desenvolvidos do real collegio militar. Sairam do edificio do collegio ás 4 e meia horas da manhã, constituindo uma companhia de guerra, indo armados e equipados em rigorosa ordem de marcha. Logo que chegaram ao local onde o exercicio devia ter logar, estabeleceu-se o serviço de segurança, occupando todas as fracções a disposição que pelo plano lhe estava commettido; em seguida e ao respectivo toque comeram a refeição que os proprios alumnos levavam nas suas mochilas de viveres, e que era composta de pão, fiambre, vinho e fructa. Terminada ella, e dado o signal da approximação do inimigo, o cordão de vedetas rompeu o fogo, continuando o exercicio em todos as suas phases, sem que se notasse a menor hesitação n'estes pequenos soldados, que encarando a serio o papel que lhe haviam confiado, demonstraram comprehender com intelligencia clara, o fim que se tinha em vista e que tão brilhantemente pozeram em pratica. Apoz um pequeno descaço, retiraram-se para o collegio onde deram entrada pelas 8 horas, tendo sido acompanhados sempre, pelos seus dignissimos director e subdirector, cirurgião mór do collegio e pelos officiaes instructores. O plano de exercicio, singelo bastante, pois que a força de que se dispunha era relativamente pequena, 96 alumnos apenas, resumimol-o n'estes termos. Uma companhia de guerra faz parte de um corpo de tropas que tendo sido batido das alturas que occupava na *A da Beja*, retirou precipitadamente das suas posições para se abrigar no entrincheiramento, que cobre a estrada militar, e é encarregada de ir estabelecer-se no alto da costa de Payam, a fim de, observando os movimentos do inimigo, atacar ou defender esse ponto, que se reconheceu ser de maxima utilidade para a collocação de uma bateria de artilheria apoiada por varias obras de fortificação improvisada, guarnecidas por infanteria. Apercebeu o inimigo a construcção da bateria, e reconhecendo tambem a enorme vantagem que podia tirar d'essa posição para proteger a marcha das suas tropas para o assalto, manda um batalhão de infanteria desalojar a companhia de guerra. O posto de observação collocado na estrada de Payam á entrada do casal Barcellinhos, descobre a marcha do batalhão, dá o signal de alarme, rompendo o fogo, o que permitte que a tempo se organise uma boa defeza, vende-se o inimigo obrigado a desistir do seu intento.

**Viticultura.**—*Trabalhos no mez de julho.*—Poucas alterações nos serviços d'este mez. E' preciso todo o cuidado em combater sempre o *mildiú*, nomeadamente se houver alterações atmosphericas, e devem-se empregar os pós cupricos, de preferencia ao caldo, nos cachos, onde o *mildiú* se manifesta n'esta epoca, por um bolor branco. Os pós cupricos substituem a enxofração a que se procede por este tempo, contra o *oidium*.

E' em julho que termina a raspa ou redra começada nos mezes anteriores.

Examinam-se tambem as enxertias e procede-se ao indispensavel córte das raizes, a que se chama *emancipar* o enxerto. Nos enxertos feitos mais tarde póde demorar-se o córte, mas nos que estão na terra ha mais tempo, é occasião de fazer esta util operação.

Em geral, e principalmente nas regiões ventosas, é indispensavel atar os lançamentos dos garfos ao tutor que devia ter sido posto junto de cada enxerto, tendo o cuidado de proceder atamento sem esforçar, para evitar posseveis descavulgamentos. Em terras menos limpas, começa já, com vantagem o alqueive para futuras plantações para destruir as hervas ruins.

**Dois homens em perigo de vida dentro d'um balseiro.**—Dizem-nos de Alqueidão, concelho de Porto de Moz:

Ha dias começou o sino a tocar a rebate, o que poz em alvoroço o povo d'esta localidade.

Foi o caso que, andando o sr. Francisco Simões dos Santos a traçar vinho com vinagre que mandava tirar d'um balseiro que leva 21 pipas e mede 10 palmos d'altura por 10 de largo, saindo o vinagre por um postigo, chegou o momento de, para sair mais vinagre, ser necessario tirar o postigo. Como este não podesse ser arrancado, dois creados do sr. Santos lembraram-se de entrar no balseiro por um outro postigo para, de dentro para fóra, empurrarem e abrirem o primeiro. Saltou para dentro um d'elles, sem pensar no perigo que corria, e caiu logo asphyxiado; o outro, José Gaspar, para salvar o companheiro, saltou tambem para dentro, e lá ficou; e emquanto Joaquim Gomes Ervedeira partia o postigo a machado, um outro creado, Manoel Moreira Lopes Mergulhão, lançou uma escada dentro do balseiro para por ella descer a vêr se salvava os dois primeiros, e lá teria caido tambem se um seu irmão não obstasse á descida. Os dois que saltaram dentro do balseiro foram ainda salvos a tempo pelo postigo arrombado, mas estiveram tres dias sem falla. Parece que cairam como fulminados, porque de nada se recordavam.

**Jack, o estripador.**—Transcripta do *Seculo*, publicava um jornal da noite a singular noticia de que a perversidade d'um *marinheiro portuguez* se attribuia em Londres a espantosa série de crimes de que tem sido misterioso herôe essa entidade até hoje intangivel de Jack, o estripador. Quem sabe se a policia ingleza não seguirá n'este momento a verdadeira pista!... Não temos á mão elementos de investigação e de pesquisa, nem vale a pena procural-os em outra especie de repositorios que não sejam recordações de leitura e vagas reminiscencias do passado; mas ha bons quinze annos ou mais, perpetraram-se em Lisboa alguns crimes tão approximadamente identicos aos de Jack, o estripador, que não repugnará talvez attribuil-os ao mesmo sinistro personagem, quer fôsse o criminoso d'então um estrangeiro em transito por esta capital, quer um portuguez que, receoso das investigações da policia, partisse a continuar pelo mundo a sua perseguição sanguinolenta. Como em Londres e nos Estados-Unidos, as victimas foram, em Lisboa, meretrizes de baixa estofa.

E a mão terrivel que hoje encontrou a sua verdadeira e definitiva *maneira*, rasgando o ventre e dilacerando as entranhas, menos experiente ha quinze ou vinte annos, limitiva-se por esse tempo a estrangular as victimas ou a suffocal-as sob as roupa da cama.

Pouca gente deixará de recordar-se ainda dos successivos assassinatos de meretrizes praticados com uma audacia rara e tanta felicidade, que, não obstante os seus bons desejos e a vigilancia da policia, nunca houve meio de se lhes descobrir o auctor. Poucos terão esquecido tambem que os depoimentos das vizinhas e companheiras de infortunio das meretrizes assassinadas eram na essencia conformes, embora discordantes em pontos secundarios. O assassino, ou como tal suspeito, era sempre descripto com a apparencia robusta e o aspecto d'um *homem do mar*. Seria um compatriota nosso? um marinheiro? um simples viajante, crestado pelo sol e as brizas do Oceano, e que ellas ingenuamente tomassem por um *embarcadiço?*

Tudo póde ser. No emtanto a periodicidade do crime e as facilidades da fuga e da deslocação do criminoso, ora exercendo em Lisboa, ora nos Estados-Unidos e em Londres, os seus assassinatos e mutilações horrorosas, justificam, a nosso ver, plenamente a supposição, então e hoje aventada, de que fôsse ou um marinheiro ou um viajante rico o assassino de Lisboa e de egual cathegoria o mutilador de Londres. Mas... serão aquelle e este o mesmo homem?

Tudo nos leva á presumpção affirmativa. Perdeu-se em Lisboa a pista do mysterioso assassino de não sabemos quantas meretrizes; mas a acreditar-se a imprensa da City, Jack, o estripador, revelou-se nas cidades *yankees*, antes de fazer em Londres a sua terrivel apparição. E o desapparecimento do assassino da rua dos Alamos, coincidiu, se nos não falha a memoria, com a perpetração de crimes identicos attribuidos na America a Jack, o estripador. O vulgar assassino foi-se a pouco e pouco convertendo n'uma celebridade do crime. E, assim como o pintor e o maestro só depois de largas hesitações artisticas definem os seus proccessos, assim tambem o obscuro matador só agora accentua nas monstruosidades de Jack, a sua terrivel e definitiva maneira; mas ainda ainda á semelhança do pintor e do maestro geniaes, Jack, o estripador, tem na obra prima do crime, como aquelles na obra prima da arte, reminescencias da primitiva maneira: a audacia quasi epileptica na execução do crime e a immutabilidade na escolha das victimas.

Não consultamos, nem vale a pena procuralos-os, os jornaes do tempo. No emtanto afigura-se-nos que do depoimento das testemunhas nenhum dado se colheu justificando a possibilidade de ser estrangeiro o assassino das pobres meretrizes. Quem nos assegura, pois, embora soffra com a desagradavel hypothese o nosso coração de patriotas, que não tenha razão a policia de Londres attribuindo a um marinheiro portuguez a individualidade de Jack? Quem sabe!...

Mas a que espantoso estimulo obedece a ferocidade do monstro?

Por duas ordens de idéas se pode explicar a selvageria das mutilações exercidas sobre as desgraçadas victimas d'aquella fera humana: ou admittindo-se uma epilepsia especial e periodica, capaz de transformar um homem na besta-fera de White-Chappel, ou um caso, extraordinario e unico em os annaes do nosso tempo, do sadismo dos Caligulas, dos Gilles de Rays, e de Alevandre Borgia.

Pela nossa parte, inclinamo-nos á segunda hypothese. Como o sargento Bertrand, que só podia satisfazer as excitações genesicas empunhando um molho de tripas arrancadas á putrefacção dos cadaveres, é muito provavel que Jack, o estripador, tambem necessite de um estimulo identico e, porventura das convulsões da agonia, para dar satisfação completa aos seus instinctos sexuaes. D'ahi, o segredo da ferocidade medonha d'esse homem, justificando a affirmação de Görres, que o desejo sexual é irmão do assassinato.

**O naufragio do «Victoria».**—No Almirantado inglez ainda continuaram no dia 26 as mesmas incertezas sobre as verdadeiras causas do desastre succedido ao *Victoria*. Parece, porém, fóra de duvida que o desastre não se póde attribuir a alguma falta de manobra ou a defeitos de construcção. Lord Charles Beresford, um dos officiaes mais distinctos da marinha ingleza, é de opinião que a collisão entre os dous couraçados não foi devida a erro dos officiaes nem ás machinas, mas sim ao leme. O desastre do *Victoria* prova o valor do esporão. Segundo ainda lord Beresford, depois de um tal embate nenhum navio poderia fluctuar por muito tempo, sendo inuteis todos os compartimentos estanques. Para Malta foi enviado o navio *Triumph*, a fim de conduzir para a Inglaterra os sobreviventes do *Victoria*.

A subscripção a favor das familias dos naufragos tem augmentado enormemente.

**Navios da marinha de guerra ingleza perdidos.**—O *Times* publicou um artigo dando conta dos navios perdidos, durante os ultimos trinta annos, pela marinha de guerra ingleza. São elles: *Orpheu*, em 1863, com 19 tripulantes; *Racehorse*, em 1864, com 99; *Bombay*, no mesmo anno, com 91; *Stanley*, em 1870, com 40; *Captain*, em 1870, com 472; *Enojdice*, em 1878, com 318; *Atalanta*, em 1880, com 280; *Wasp*, em 1884, com 52; outro *Wasp*, em 1887, com 73; *Lyli*, em 1889, com 7, e *Serpente*, em 1890, com 173. Total, 11 barcos com 1:722 tripulantes.

Por diversas causas, e desde o principio do seculo actual até agora, naufragaram outros oito navios inglezes com 4:289 tripulantes. Tem, pois, perdido a marinha ingleza, no seculo XIX, 6:011 vidas, não mettendo em conta as dos naufragos do *Victoria*.

**Do Cairo a Jerusalem.** — Communicam de Paris que o escriptor francez Pierre Loti está organisando uma viagem a Jerusalem, a fim de estudar e vêr os lugares santos. Pierre Loti atravessará em um vapor o Mediterraneo, e do Cairo dirigir-se-ha por terra á Palestina. Da caravana será o unico europeu. A escolta compôr-se-ha de doze musulmanos a cavallo. A caravana atravessará os areaes que se estendem entre o Baixo Egypto e a Palestina, seguirá o caminho que percorreu a sagrada familia na sua fuga para o Egypto, e entrará em Jerusalem durante as festas do Natal.

**Um duello original.**—Os jornaes hespanhoes chegados ultimamente relatam um duello dos mais extraordinarios de que ha memoria. Os combatentes foram o conde de Santa Coloma e o sr. Diaz de Mendoza. O logar do combate, uma quinta no Carpio, perto de Cordova. A arma, a pistola. Condições do combate: a primeira troca de balas a 25 passos, a segunda a 20, e as outras, tantas quantas fossem precisas para um dos adversarios ficar inutilisado, a 15 passos. Onze vezes atiraram os adversarios, isto é, trocaram 22 tiros. Na primeira descarga o sr. Diaz teve a gola do paletot furada por uma bala. E na 11.ª, o mesmo recebeu uma bala sobre o peito, mas que apenas lhe produziu uma leve confusão. Como, porém, já estavam—em exercicio de fogo—havia quatro horas, os padrinhos deram a festa por terminada. Bons atiradores, não ha duvida! Mas, em todo o caso, antes assim.

**O amor d'uma cegonha.** — Diz uma folha estrangeira que na ultima semana se declarou grande incendio n'um predio em cujo telhado tinham construido ninho um casal de cegonhas. As labaredas romperam com uma rapidez extraordinaria, a ponto de que em poucos minutos a casa era completamente pasto das chammas. A cegonha, comprehendendo que lhe era impossivel salvar os filhitos, deixou-se morrer com elles stoicamento. O macho tambem ficou com uma aza queimada, mas volvidos os primeiros oito dias de viuvez, arranjou outra companheira, com a qual se occupa em construir outro ninho não longe do sitio onde morreu a anterior esposa. Deu-se o caso em Pohnsdorf, proximo a Lubeck.

## As inspecções militares

E' do *Correio da Tarde* o seguinte artigo:

A reorganisação dos serviças foi ao que parece cousa que passou á historia. No ministerio da guerra mantem-se ainda os vicios que o enfraqueciam, porque não vemos que se fizessem remodelações que produzissem economias. Nas inspecções de recrutas entendeu-se que se devia conservar tudo como estava, com encommodo e despeza para uma parte da nossa população, e com notavel prejuizo para a fada militar. Vamos exemplifical-o para que não nos acoimem de pessimistas.

Começaram por Evora. Ha n'esta cidade que é capital de districto um regimento de cavallaria. Nada mais curial que os recenseados de uma parte d'esta circumscripção administrativa fossem inspeccionar-se a Evora. Pois não acontece assim. Vão todos a Elvas, ainda os que demoram na raia opposta do districto.

Aveiro, que tem egualmente um regimento de cavallaria, os mancebos recenseados para o serviço militar vão a Ovar, que é o districto da reserva; emquanto os concelhos do sul vão á Figueira, que pertence a Coimbra.

E querem saber porque é semelhante anomalia? E' porque em Ovar devia estar aquartelado o 2 de infanteria, e na Figueira o 16. Ambos estes dois corpos estão e estarão em Lisboa, mas quanto ás inspecções fazem-se como se elles estivessem nos pontos que pela ultima reforma do exercito lhes foram designados.

Um paiz original, o nosso. Gisam-se umas reformas, que não se observam nos pontos essenciaes. Mas no que devem ser consequencias do principio, n'essas o poder é de uma intransigencia revoltante.

Não existem em Ovar e na Figueira corpos alguns de infanteria, mas obrigam-se os mancebos recenseados a transportarem-se dezenas de kilometros, dispendendo em alimentação o que muitas vezes não teem, tudo para se manterem umas charolas, que levam dinheiro ao estado. Era conveniente que dos concelhos da região do norte concorressem a Ovar os contingentes que tivessem de ser inspeccionados. Arouca, Paiva, Coimbra, Oliveira de Azemeis, Feira e Estarreja podiam ir a Ovar; os concelhos de Sever, Albergaria, Agueda, Anadia, Mealhada, Oliveira do Bairro, Vagos e Ilhavo, deviam concorrer a Aveiro, por lhes ficar mais perto e ser menos dispendioso, que indo á Figueira.

E depois havendo em Aveiro um cirurgião-mór e um cirurgião ajudante já o estado não tinha a dispender em transportes e ajudas de custa porque achando-se elles na séde do regimento, não sendo d'alli deslocado e não tinham direito a indemnisação alguma.

O mesmo succede com os concelhos d'Evora, que teem de ir a Elvas,

---

128 **FOLHETIM**

PEREZ ESCRICH

# OS CRENTES

TRADUCÇÃO

## XIV PARTE

### DRAMA DE FAMILIA

### IV

ONDE ANGELA RECEBE UM ANONYMO

Quando Fanny desceu para o seu quarto, Lisette estava esperando-a.

— Ah! estás aqui, minha filha?—perguntou a ex-bailarina.

— Ha mais de duas horas — respondeu a criada. — Julguei prudente não interromper a senhora.

— Acaba de sahir.

— Já fiz ideia.

— Não annuiu ao meu pedido; propuz-lhe a fuga, recusou-se.

— E fez muito bem. Acho imprudencia abandonar Paris n'estas circumstancias. O senhor ignora tudo... então para que se hade dizer-lh'o? Esperemos.

E Lisette exclamou em tom de admiração, e como se só n'aquelle momento reparasse em sua ama:

— Oh! meu Deus! A senhora está incommodada? Que pallidez! O que foi feito da sua presença de espirito de outros tempos?

Fanny respondeu com um gesto que demonstrava achar-se fatigada.

Lisette principiou a despil-a, e vendo que ella nada queria, pediu-lhe licença para se retirar. Pouco depois estava no seu quarto. Lisette, quando se viu só, sentou-se no sophá, chegando para perto de si o velador e a luz.

De repente correu para a porta, fechou-a e tornou a sentar-se.

O rosto d'aquella mulher, contemplado n'este momento, era digno de estudo para um d'esses philosophos que teem no rosto os effeitos do coração.

O rosto de Lisette passava com incrivel rapidez, desde a alegria mais completa para as tristes melancolias da reflexão.

Assim esteve coisa d'um quarto d'hora. Depois tornou a levantar-se, foi buscar o cabaz, que estava sobre a console, e pondo-o sobre o velador, tornou a sentar-se.

— Oh!—disse fallando comsigo—o coração quanto mais necessita de valor, mais covarde é. Tremo só com a vista d'estas cartas, mas não retrocederei, vae n'isso a minha fortuna: quando o sr. de Tapulca conhecer a perfidia de sua mulher, quando cahir o panno sobre este drama de familia, quando ella ficar só com a sua dôr e as suas recordações, eu saberei suavisar-lhe o desgosto, e conquistar-lhe pouco a pouco o coração, e... quem sabe!... no mundo ha casos tão extraordinarios!...

E Lisette sorriu-se.

N'aquelle sorriso havia muito de perversidade d'alma. De repente passou a mão pela fronte, sem duvida para afuguentar algum mau pensamento, e pegando da penna escreveu o seguinte:

«Senhor. Pego na penna com o medo natural que em mim produz uma ingratidão. Deus é testimunha da terrivel lucta que sustento commigo mesma ha tres dias; mas decido-me afinal, succeda o que succeder: o meu unico fim é livral-o do ridiculo que lhe está imminente. Se vale o conselho de uma pobre rapariga agradecida, que n'outro tempo influiu no animo da senhora Fanny Ratt para que o preferisse, logo que receba esta carta ponha-se a caminho, se quer salvar sua esposa d'um grave perigo.

Nada mais posso diser-lhe por agora.

Só lhe peço, que quando chegar a Paris, antes de ter a minima confidencia com a senhora, falle commigo, se respeita a sua honra.

A menor imprudencia perderia tudo. Queime esta carta, que não é mais do que a denuncia d'uma mulher que, faltando aos sagrados deveres da gratidão, tudo esquece e sacrifica, sem pensar em si propria. Sua, *Lisette.*»

— Elle virá!—exclamou a perfida confidente de Fanny—e então saberei como devo proceder; e se, como espero, o meu plano tem bom effeito, estas cartas farão o resto... estas cartas que me mostram um futuro brilhante, como tantas vezes tenho sonhado.

E Lisette pousou, satisfeita, as mãos sobre as cartas que pouco antes tinha mandado falsificar por Cesar.

Fechou depois a que acaba de escrever e deitou-se. No dia seguinte, passou muito cedo pelo portal. O sr. Schauf era muito madrugador e já andava passeando d'um lado para outro, de cachimbo na bocca.

— Bons dias, menina: pelo muito que madrugou supponho que lhe succedeu o mesmo que a mim.

— E que foi que lhe aconteceu, sr. Schauf?

— Não consegui dormir em toda a noite.

— E porque?

O suisso suspirou.

Lisette sahiu para a rua, sorrindo-se. Dirigiu-se á primeira caixa de correio e deitou a carta para seu amo. Depois voltou para casa.

Durante tres dias, Fanny e Raphael nada decidiram. Principiou a tranquillisal-a a ideia de que Tapulca não saberia a verdade.

David tinha em vão procurado Cesar. Cesar não apparecia. Era evidente a sua infamia. Ninguem, senão elle, tinha roubado as cartas. David não teve a menor duvida, mas assaltou-o novo receio. Cesar ter-se-hia dirigido á Bretanha com o fim de declarar a Tapulca os amores de Fanny?

Raphael não podia crer em semelhante infamia.

— Cesar—dizia elle—contentar-se-ha com os quarenta mil francos. Com esse dinheiro terá fugido de Paris; é o mais provavel.

Rahael, apesar de todas as razões que deram a si mesmo, não podia socegar. Uma manhã entrou no quarto de Angela um criado entregou-lhe uma carta. A irmã do maestro não recebia cartas de pessoa alguma, e admirou-se de lhe dirigirem aquella. Teve o pensamento de a mandar a seu irmão; mas como o sobrescripto dizia:

«*A' senhora D. Angela David—Urgente e particular*, abriu-a e leu o que segue:

«Sei que tem por seu mano toda a estima de que é susceptivel o seu coração virtuoso e puro, por isso me atrevo a dirigir-lhe esta carta, que necessariamente lhe causará desgosto.

Raphael corre grande perigo se permanece em Paris tres dias. Se tem influencia sobre o animo de seu irmão, obrigue-o a partir: do contrario a sua morte é certa.

Nada me afflige tanto como a ideia de que esta carta vá perturvar a sua tranquillidade; mas é preciso evitar a grande desgraça que ameaça o auctor da *Débora*, o inspirado maestro. Sou admirador de Raphael David. Um acaso trouxe ao meu conhecimento um segredo que o liga a uma mulher casada. Se me dirigisse a elle para o avisar *do perigo que corre, como homem sei* que despresaria o perigo; por isso lhe escrevo, minha senhora, para que trate de o arrancar de Paris antes que chegue o marido, que já sabe de tudo e vem na intenção de o matar. Não assigno esta carta porque o meu nome de nada serve n'esta occasião; mas Deus queira que ella vá a tempo de salvar Raphael David.»

Angela ficou asssombrada.

— Que fazer?

Foi esta a primeira pergunta que dirigiu a si mesma. Devia dar credito áquella carta?

O seu coração era demasiado simples para fazer o contrario. Angela comprehendia as rasões empregadas na carta anonyma.

— Raphael—disse ella—não abandonará nunca essa mulher se a julgar em perigo; é, pois, necessario procurar um meio para sairmos de Paris.

E debalde procurava esse meio, esse recurso salvador. A mente offuscava-se lhe, o espirito inquietava-se-lhe, os olhos arrasavam-se-lhe de lagrimas. Decorreu uma hora sem tomar resolução. O perigo aproximava-se sem que a sua imaginação encontrasse meio de evital-o. Afinal, decidiu-se a ir fallar a seu irmão. Raphael, quando viu entrar Angela, correu ao seu encontro.

— O que tens, Angela? Estás doente?

Esta pergunta feita em tom de terno interesse, foi um raio de luz para Angela.

— Estou, Raphael—respondeu ella—estou; não me dou bem n'esta terra.

— E não me tinhas dito nada!...

E Raphael, abraçando sua irmã, fel-a sentar n'uma cadeira e sentou-se n'outra. Angela fitava seu irmão. Dos seus formosos olhos desprenderam-se duas brilhantes lagrimas, e no seu *olhar transluzia uma expressão de infinita doçura*. Com os seus dedos microscopicos pegou d'uma das mãos de Raphael e disse-lhe:

— E's muito meu amigo, não ès, meu irmão?

— Quem o duvida, Angela?!... estimo-te como a ninguem no mundo.

— Deveras?

— Duvidas?

— Ah! não! Seria muito ingrata se duvidasse.

— Então, a que proposito vem essa pergunta que me sobressalta?

— Vou pedir-te um sacrificio.

— Pede quantos eu possa fazer.

— Deveras?

— Mas que tens tu hoje?

— Sinto-me doente, Raphael... Emquanto duraram as primeiras representações da opera *Débora*, escondite os meus padecimentos, porque tinha em mais a tua gloria, a tua reputação do que a minha saude.

— Fizeste mal; porque eu daria toda a minha popularidade para te evitar uma simples constipação—respondeu Raphael sorrindo-se.

— Acredito-te; mas tinha tambem a minha vaidade, o meu amor proprio, e a tua gloria chega tambem até ao meu nome.

— Isso é differente, continua.

— Pois, Raphael; não me dou bem em Paris.

— Mas sempre gosaste de boa saude.

— Gosei, em Italia e Hespanha: por isso te peço encarecidamente que abandonemos esta terra.

Raphael guardou silencio.

Angela tornou a dizer:

— Conheço que te peço um sacrificio immenso. Paris é um grande centro onde o genio brilha, onde o ruido dos applausos aturde, onde o publico se enthusiasma pelos artistas de merito: tu és novo, e estás rodeado d'uma aureola que a popularidade te confere; mas a nossa patria é a Hespanha, e Madrid espera a tua opera para a applaudir tambem. Partamos, Raphael; lá temos tambem bons amigos, lá está o nosso protector que gosará, e não pouco, com os teus triumphos.

Raphael suspirou e disse:

— Agora é-me impossivel, Angela.

Esta resposta penetrou como um punhal no coração de Angela.

— Impossivel! repetiu ella—quem t'o impede?

Raphael córou como homem recto que se vê forçado a mentir.

— Estou compromettido a ensaiar uma opera.

— Tu!? Julguei que não tinhas ainda concluido *Os Machabeus*.

— Não é minha: é d'um compositor novo: não devo desamparal-o depois de lhe ter offerecido o meu auxilio.

— Desculpa, Raphael, que te diga que esse compromisso é de pouca importancia em relação á saude de tua irmã.

Raphael calou-se. Feria-o a recriminação de sua irmã. Angela conheceu que o anonymo fallára verdade. Com a delicadeza das almas apaixonadas, com o instincto do puro e desinteressado amor de que era dotada, sabia lêr os mais occultos pensamentos de seu irmão. A perturbação de Raphael revelava-lhe alguma coisa. Angela quiz saber mais. Quiz saber tudo. Aquelles dois irmãos, que nunca tinham segredos um para o outro, não se diziam a verdade. Mas Angela empregava a mentira como a usam as naturezas previlegiadas, com a mira na pratica do bem. Pretendiam enganar-se. Ia continuar a lucta.

devendo fazer-se a inspecção na séde e districto. Desconhecemos a razão por que as inspecções só podem ser feitas nas terras onde houver corpos de infanteria, não se concedendo eguaes attribuições aos de cavallaria, comquanto sejam tambem aproveitados nas ambulancias os cirurgiões dos corpos montados. Mas com as ambulancias gasta o estado sommas relativamente avultadas, que se podiam e deviam economisar. E note-se que o desperdicio apontado comprehende tambem o districto de Castello Branco fazendo-se as inspecções na Covilhã. E todas estas differenças representam para o povo gran4issimo sacrificio.

Ha muito que desbravar no ministerio da guerra, e brevemente nos occuparemss do fornecimento do pão e do de lanificios para fardamentos do exercito, o que tudo está sendo feito por um modo que attesta a existencia de vicios tão arreigados, que não sabemos ainda que braço terá ahi força para os extirpar.

## A conferencia de Badajoz

E' do *Commercio de Portugal* o seguinte artigo:

«Causou profunda impressão no paiz—devemos dizel-o em homenagem aos sentimentos de brio nacional—a relação da conferencia realisada em Badajoz entre trinta e nove republicanos portuguezes e um grupo de republicanos hespanhoes, presidido pelo sr. Salmeron. Apezar de todas as cautellas e de todas as reservas, principalmente por parte dos delegados portuguezes, a ideia da união iberica foi alli clara e positivamente accentuada, sobretudo por parte do sr. Salmeron, que no seu discurso final, com os artificios de que é capaz a sua grande pratica tribunicia, procurou fazer sentir bem que o seu pensamento e o de todos os republicanos hespanhoes é que, *obedecendo a leis imperiosas da evolução* desappareçam por completo os antagonismos e os ressentimentos que levantam uma fronteira irreductivel entre os dois povos peninsulares.

Como se não bastassem os actos e as palavras do sr. Salmeron, desde longos annos tido e havido por unitarista em toda a accepção absorvente da palavra, outros precedentes dos chefes republicanos hespanhoes, srs. Zorrilla e Pi y Margall mais em evidencia pozeram os sentimentos que determinaram, por parte da união republicana hespanhola, a conferencia de Badajoz. Por exemplo, o sr. Pi y Margall, que se absteve de comparecer alli, decerto por se não achar disposto a artificios e disfarces, dias antes, para bem definir a sua opinião, quem sabe até se para dar a palavra d'ordem aos seus adherentes pessoaes, escrevia, com a maior franqueza e lealdade, que *não queria a confederação de Portugal com a Hespanha, o que queria era a fusão de Portugal com a Hespanha.* A affirmação é clara, positiva e cathegorica, por fórma a não admittir duvida. Mas não ficou por aqui o audacioso caudilho do federalismo iberico.

N'este mesmo artigo reflectia o sr. Pi y Margall que alguem ha que julga impossivel a fusão das duas nações peninsulares, e dizia, *explicito como gosta de ser em todas as questões*, que se julgava obrigado a combater toda a ideia de simples confederação, ou o que é o mesmo, uma mais ou menos duradoura alliança. «Sob a republica»—falla o «sr. Pi y Margall—«e até sob a mo«narchia não nos opporiamos a que ti«vessem egual valor nos dois povos os «titulos academicos, os contractos e «ainda as sentenças que em um e ou«tro se expedissem, outorgassem ou «proferissem; tam pouco nos opporia«mos a que se supprimissem as alfan«degas terrestres mediante a devida «intervenção nas duas costas e ainda «a que se declarasse de cabotagem o «commercio entre Portugal e Hespa«nha, *mas oppôr-nos-hemos a que, per«manecendo Portugal independente, se «contraia com elle qualquer alliança, «nem offensiva nem defensiva*».

Esta doutrina está singularmente de accordo com as opiniões do antigo monarchico sr. Zorrilla e concorda perfeitamente com o que disse em Badajoz e depois em Salamanca o sr. Salmeron. O que os republicanos hespanhoes querem—e é este talvez o unico *ponto doutrinario* em que se acham completamente de accordo—é a absorpção de Portugal pela Hespanha, a Hespanha *una*, a formação de uma grande potencia peninsular com o prevalecimento da Hespanha e a completa annullação de Portugal. E, como contra factos não ha argumentos, como não póde haver duvidas ácerca da clareza das declarações dos dirigentes do partido republicano hespanhol, os republicanos portuguezes devem estar convencidos, a estas horas, que praticaram um acto que affecta e prejudica o seu caracter de portuguezes, favorecendo e applaudindo planos contrarios á honra e á independencia da patria.

Dizem que não ha monarchicos em Hespanha que queiram a união iberica. Com esses nos queremos, com esses desejamos manter as mais cordeaes relações de amisade e de sympathia, como ainda ha pouco provámos, louvando e applaudindo o tratado de commercio entre as duas nações peninsulares. Nações livres, independentes e autonomas, com uma larga e gloriosa identificação historica, Portugal e Hespanha podem auxiliar-se mutuamente, vivendo em boa paz, como dois irmãos que muito se estremeçam, *mas com casa á parte*, como ha annos disse, n'um bellissimo lance da sua brilhante eloquencia, o illustre estadista e parlamentar portuguez, o sr. conde de Casal Ribeiro. Se nos queremos com os que querem a independencia de Portugal, protestamos contra os que tramam contra elle, consciente ou inconscientemente.

Os republicanos portuguezes offereceram ao sr. Salmeron um exemplar dos *Luziadas* e houve até quem, ao entregar-lh'o, o beijou, exactamente como fez a Jesus o discipulo traidor, que, no Monte das Oliveiras, o entregou indefezo aos rancorosos inimigos. Os *Luziadas* representam a suprema e eterna consagração das glorias portuguezas. São o immorredouro titulo da nossa altivez e da nossa grandeza de povo livre. E' o monumento perduravel e indestructivel da nacionalidade. Não póde morrer povo exaltado por tão heroicas façanhas e ennobrecido por tão assignaladas virtudes. Os *Luziadas* serão nas mãos do sr. Salmeron o protesto vivo contra a traição que os passou ás mãos dos ibericos de Hespanha como o sêllo de um pacto contra o qual se revoltam n'este momento mais de quatro milhões e meio de homens livres!»

## SULFATO DE COBRE

O sr. Palma de Vilhena, da Regua, publica no *Primeiro de Janeiro* os seguintes esclarecimentos sobre a influencia da mistura cuprica nos vinhos. Transportamos para aqui esses esclarecimentos no intuito de tranquillisar os que julgam *ficarem os vinhos envenenados* em consequencia do tratamento da vinha pelo sulfato de cobre:

«Depois que a invasão do mildiu tomou largo desenvolvimento no Douro, onde os seus estragos são já de importante consideração, e tendo-se n'uma e n'outra parte adoptado o tratamento com os compostos cupricos para debellar esta doença, apparece a prejudicial presumpção de que a nocividade dos saes de cobre contidos nos vinhos proveniente de videiras assim tratadas, é de intensidade tal, que muito póde prejudicar a saude publica.— Não é nova esta questão. — Em França, quando se iniciou o tratamento do mildiu com sulfato de cobre, da mesma fórma foi apreciada, geralmente, a sua acção, o que concorreu não pouco para o decredito e conseguintemente má venda, dos vinhos fabricados de uvas pulverisadas com os compostos cupricos.

Algumas experiencias foram feitas no sentido de conhecer até que ponto iria a verdade dos que assim clamavam contra este emprego do cobre, que consideravam um veneno extremamente energico.

As experiencias notaveis do dr. Galippe e as minuciosas analyses de outros chimicos distinctos provaram claramente que a acção toxica do cobre está bem longe da intensidade que lhe attribuem e do terror que ella inspira. Eis em resumo algumas das notaveis e corajosas experiencias que o dr. Galippe realisou.

*Durante 15 mezes fez o dr. Galippe* uso de alimentos preparados em vasilhas de cobre não estanhado, preparando ahi as carnes, os legumes, as bebidas e inclusivamente as fructas acidas. Nunca, durante esse periodo, sentiu o mais ligeiro incommodo de saude que devesse attribuir á presença do cobre na alimentação adoptada — Vê-se pois que, comquanto a quantidade de cobre ingerida fosse avultada, a sua absorção não foi nada perigosa. A convite de Thomaz Zenkins, commissario dos Estados-Unidos na Exposição Universal de Paris, realisou a seguinte experiencia:

Fez ferver n'uma vasilha de cobre, leite e ovos atê estes adquirirem a consistencia do creme, deixando em seguida resfriar esta mistura durante 25 horas, no mesmo recipiente. Decorrido este tempo o sabio chimico comeu um prato d'este creme sem que tivesse experimentado o mais leve symptoma de envenenamento. Eis as conclusões a que chegou o dr. Galippe em vista do seu aturado estudo experimental, ácerca de tão importante questão: 1.° os saes de cobre não são na realdade perigosos para a saude, mesmo em alta dose, porque sendo emeticos provocam o vomito o que os torna o seu proprio antidoto: 2.°, em pequenas doses, são absolutamente inoffensivos. Além d'estas experiencias que provam frisantemente a nenhuma nocividade do cobre na hygiene publica, sobretudo quando absorvido em pequenas doses—muitas e cuidadosas analyses tem mostrado á evidencia que o vinho proveniente de uvas tratadas com o caldo bordelez e bem assim os bagaços, folhas das videiras pulverisadas, etc., contém o cobre em doses tão fracas que devem ser consideradas absolutamente inoffensivas á saude dos homens e dos animaes.

M. Gayon, analysando o vinho proveniente de uvas preservadas do mildiu por applicações de caldo bordelez, determinou os resultados seguiutes:

1.° vinhos brancos

Tratamentos: cobre por litro (em miligrammas).

Calda bordeleza—tratamentos repetidos $0^{mm},01$.

2.° vinhos tintos

Calda bordeleza — 2 tratamentos $0^{mm},01$.

Calda bordeleza — muitos tratamentos $0^{mm},3$.

Vê-se pois que os vinhos analysados continham uma quantidade insignificante de cobre—Não ha pois motivo, como fica demonstrado, que justifique o terror, que se vae manifestando n'alguns pontos do paiz, pelo vinho fabricado de uvas que têm sido tratadas com os compostos cupricos e oxalá esse terror desappareça, pelo prejuizo enorme que póde occasionar aos que, com o uso d'esse efficaz tratamento, tratam de defender os seus vinhedos d'uma doença altamente nociva.»

## MISERICORDIA DE COIMBRA

Realisou-se na antiga sala das sessões da santa casa da misericordia a solemne distribuição dos premios aos alumnos do collegio de S. Caetano, e a inauguração do retrato do distincto escriptor Simão José da Luz Soriano, bemfeitor da mesma santa casa. A sala estava repleta de senhoras e cavalheiros, entre os quaes o sr. governador civil, diversos lentes da Universidade, commissario de polocia, officialidade de infanteria 23, etc. Achava-se alli a meza da santa casa, representada pelos srs. drs. Dias da Silva, provedor; Guilherme Moreira, secretario; José Doria e Antonio Francisco do Valle, vogaes; reitor e vice-reitor e os orphãos d'ambos os collegios.

Pela uma hora da tarde entrou na sala s. ex.ª o sr. Bispo Conde, que havia sido convidado pela meza para presidir a este acto. Discursou o sr. provedor e varios alumnos, sendo descerrada pelos srs. governador civil e dr. Souto Rodrigues a cortina que cobria o retrato do sr. Soriano. Em seguida o sr. secretario da mesa leu os nomes dos alumnos laureados a quem o sr. Bispo Conde entregava os premios e que são os seguintes:

ORPHÃOS

Antonio José Marques, approvado com distincção no lyceu d'esta cidade no corrente anno em desenho, philosophia e mathematica, recebeu como premio um exemplar do livro—*Theories modernes de la chimie*—por Lothar meyer; Virgilio José Tavares; pelo seu aproveitamento na officina de alfaiate, recebeu premio pecuniaris (4$000 rs.); Adolpho Madeira Pereira, pelo seu muito aproveitamento na officina de sapateiro e na aula de desenho, recebeu premio pecuniario (6$000 réis); Arthur Fernandes, pelo seu muito aproveitamento na officina de encadernação e pela guarda da aula de desenho, recebeu premio pecuniario (4$000 rs.); Antonio Teixeira, pelo seu aproveitamento na officina de sapateiro, recebeu premio pecuniario (3$000 réis.); Raul Lucas, approvado com distincção no lyceu d'esta cidade no corrente anno em philosophia, recebeu como premio um exemplar do Diccionario Portuguez de Adolpho Coelho, José Maria Marques, approvado com distincção no lyceu d'esta cidade em latim 1.ª parte (4.° anno), latim 2.ª parte (5.° anno), latim 2.ª parte (6.° anno), mathematica 1.ª parte (4.° anno), litteratura e philosophia, recebeu como premio os seguintes livros—*Administração Publica em Portugal*—por Gama Barros (1 vol.), *Droite Naturel*—por Jouffroy (2 vol.), e *Droite naturel*—por Ahrens, e foi provido em um dos legados *Luz Soriano*; Antonio Marcelino Murta, pelo seu aproveitamento na officina de alfaiate, recebeu premio pecuniario (3$000) réis); João Nogueira, pelo seu aproveitamento na officina de sapateiro, recebeu premio pecuniario (réis 3$000); Joaquim Rodrigues, pelo seu adeantamentto na aula de gymnastica, recebeu premio pecuniario (2$000 rs.); Affonso Correia, pelo seu aproveitamento na aula de instrucção primaria, recebeu premio pecuniario (3$000 rs.); Manuel Rodrigues Pereira, pelo seu muito aproveitamento na officina de encadernação, recebeu premio pecuniario (4$000 réis); Francisco Rodrigues Mingacho, pelo seu aproveitamento nas aulas d'instrucção primaria e desenho, recebeu premio pecuniario (réis 4$000); Julio Martins da Fonseca, pelo seu aproveitamento na aula de canto, recebeu premio pecuniario (2$000 réis); Abilio da Costa, pelo seu aproveitamento na aula de musica e na officina de encadernação, recebeu premio pecuniario (4$000 réeis), José Ferreira Gomes, pelo seu muito aproveitamento na officina de sapateiro, recebeu premio pecuniario (4$000 réis); Joaquim Dias, pelo seu aproveitamento na aula d'instrucção primaria, recebeu premio pecuniario (2$000 réis); José Maria Antunes, pelo seu aproveitamento na aula d'instrucção primaria, recebeu premio pecuniario (1$500 rs); Germano Martins dos Santos, pelo seu aproveitamento na aula d'instrucção primaria, recebeu premio pecuniario (1$500 réis).

ORPHÃS

Maria José Coelho, bom comportamento (livro de missa e dois lencinhos de seda); Josephina de Brito, instrucção primaria e serviços manuaes (um estojo e dois lencinhos de seda); Rosa do Carmo, instrucção primaria, (estojo e um lencinho de sedas; Joaquina Henriques, instrucção primaria, (estojo e um lencinho de seda); Adelaide da Conceição, costura e bordado a branco (livro de missa); Maria da Conceição Silva, costura e machina, (livro de missa); Carolina Augusta, costura e machina, (livro de missa); Thereza da Encarnação, costura e gomma, (uma caixa de lencinhos de seda); Maria da Conceição Nunes, crochet, (livro de missa); Guelhermina da Paixão, costura, (um estojo); Maria Amalia, contas e escripta, (um estojo); Emilia Pinto, leitura e contas, (um estojo); Amelia Alves, leitura e contos, (livro de missa); Laura Pratas, escripta e leitura, (livro de missa.)

Encerrou a sessão com um brilhante discurso cheio de opportunidade e excellentes conselhos o sr. Bispo Conde.

*

Seguiu-se a visita aos collegios que estiveram expostos ao publico até ás 8 horas da tarde. No claustro tocava a banda d'infanteria 23. A' noite houve sarau litterario e musical a que assistiram muitas damas e cavalheiros.

## CARTA DA FIGUEIRA

26 DE JUNHO DE 1893.

Entretidos por diversos acontecimentos, temo-nos esquecido de explicar a terrivel circumstancia; o que creio que ainda hoje teremos de addiar.

Hoje vamos fallar, e com elogio, das festas de S. João. Não imitaremos o *bello* exemplo do *Operario*, que se atira á festa e aos festeiros como gato a bofes; exemplo este pouco patriotico e que não estamos dispostos a seguir. Voltando á nossa velha *cegarrega*: ha na Figueira trez jornaes que só servem para mesquinhas polemicas e coisas sem valor. Ha uma festa de S. João que todos deviam concorrer para tornar brilhante e fallada; os nossos jornaes dizem pouco ou nada e no fim um, como o *Operario* ainda se lembra de escrever uma descripção dos festejos, chilra, chata, pondo em relevo tudo o que houve de mau, quando exactamente se deveria ter feito o contrario, pelo menos agora, reservando para mais tarde apontar e criticar qualquer erro de que a commissão se tivesse tornado culpada.

A *Correspondencia* nunca fez a mais pequena referencia aos festejos, o *Correio* não se massou muito com tal assumpto, e por fim, depois da festa feita, vem o *Operario* e zás, pancada e mais pancada! Ora vá lá um mortal ficar rouco como o G. Costa, com os pés negros de andar como A. Xavier ou com o epiteto de *estupido* como o M. Santos!

Em resumo, a festa não foi certamente deslumbrante, mas ha já bastantes annos que não se realisa um programma tão completo e variado, e sendo, como foi, cumprido á risca. A ornamentação foi ordinaria, sem originalidade, mas não tão má como alguns querem.

A *bandeira* foi assim assim, *tem-te não caias*, *Maria* vae com as outras, nos ultimos seis annos não tem sido melhor ainda nas vezes em que a festa do S. João consistia em *bandeira* e fogo preso. Poucos mascaras (é preciso dizer que a cavalhada da *bandeira* de S. João na Figueira era sempre acompanhada por grande numero de mascarados a cavallo) e poucos cavallos dignos de se verem. A corrida de velocipedes foi boa e muito concorrida; fizeram-se notar pela sua ausencia os *velomen* indigenas.

A regata em que só correram os socios da *Associação Naval Figueirense* foi muito melhor do que a expectativa geral contava. Foi um bello dia para uma estreia e a *Associação* apresentou-se bem. E' certo que os *rapazes* não são remadores consumados, mas isso vem com o tempo e nós esperamos que para a proxima vez não haja que dizer aos *rowers* da Associação. Nós dissémos: apresentou-se bem; mas esta phrase só se refere ao lapso de tempo que foi do principio ao fim da regata.

Touros.—Manuel Casimiro aproveitou muito bem o 1.° boi. O 2.° só levou um ferro e negou-se constantemente. O torneio a pé foi insignificante. Touros bravos mas sabidos e o pessoal mediocre; pégas não houve que prestassem, os bois quasi todos **gaiolos** e não havia cabrestos para poder pegar de *cernelha*; o que talvez os *forcados* (enforcados mereciam elles ser) não seriam capazes de fazer.

Voltando ao *Operario* depara-se-nos lá a seguinte phrase:—«*Ridiculo, simplesmente ridiculo!*» Isto depois de fallar na recusa que os *regateiros* fizeram das medalhas que ganharam nos differentes *pareos*. Dê cá a mão, paceiro, somos da sua opinião! Cabem aqui dois proverbios: «Dá Deus nozes a quem não tem dentes», e «para quem não quer ha muito».

Repetimos, a festa de S. João correu bem e decerto os numerosos forasteiros levaram boas impressões da nossa bella Figueira.

Fazemos saber aos leitores que os *fóros de talentoso* do Junior não teem cotação no mercado.

O Bilro é que continua massando a paciencia de quem o lê com diversos e *inspirados* poemas; adoptou o estylo *grivois*, é cada rajada de tremer!

*D. P.*

## CARTA DE CANTANHEDE

2 DE JULHO DE 1893.

Já não é sem tempo, que vamos dizer alguma cousa d'esta terra. Cantanhede, uma das villas onde reina sempre o socego tem d'esde o dia 24 do mez findo fornecido muitos divertimentos a todos os cidadãos d'esta terra, entre elles se destacam os seguintes: Houveram este anno duas festas ao Santo Antonio, sendo uma no seu dia e outra no dia de S. Pedro. Ambas compareceu o *Gaiteiro*—e na ultima houve musica.

Houveram duas fogueiras, as quaes tiveram os nomes seguintes—Rancho da *Lealdade* e Rancho da *Flor da Mocidade*. O rancho *Lealdade*, foi o que brilhou, pelo bonito pavilhão e illuminação que mandou fazer, e pela muzica e cantigas e ainda pelo bem que todas as raparigas e rapazes dansaram. E' certo que entre ellas andava a *Rainha dos bailes* e outras raparigas que se destinguiam em dansa e bellesa o que davam um certo tom á dansa. O outro rancho era mais inferior. O carramachão estava singelo, a dança rasoavel, e a respeito de raparigas tambem lá as tinham que não eram muito sumenos das outras.

— No dia de S. João recebeu esta villa a visita da bandeira da Pocariça que era acompanhada por 70 cavalleiros; esta visita é paga com egual no dia 25 do corrente.

— Pelo S. Pedro houveram nos bailes dados pelos ranchos da Lealdade e Flor da Mocidade, que foram superiores em tudo aos do S. João, brilhando sempre o *Lealdade*. N'este mesmo dia houve a primeira communhão ás creanças de ambos os sexos; sendo-lhe depois offerecido um *lunch* pelo revd.° parocho d'esta freguezia.

— Corre como certo que no dia 8 e 9 são as recitas dadas pelos amadores pertencentes ao Grupo Dramatico d'esta villa, nas quaes tomam parte as amadoras e sympathicas Maria Simões, Julia Saro e Maria Cravo, levando á scena tres comedias muito chistosas que são, *um marquez feito á pressa*. Ha mais Marias na terra, dois surdos.

— Na repartição de fazenda tem-se sellado immensas grozas de caixas de phosphoros.

— Já foram affixados editaes nos quaes se marcam os dias em que tem logar as inspecções.

— Houve um pequeno incendio nos fornos de fazer cal do sr. José Corrêa Pires, d'esta villa. Os prejuizos foram insignificantes.

— Roubaram a um pobre homem uma mulla que lhe tinha custado poucos dias antes umas 12 moedas. O melro foi preso.

— Vinho carissimo, já o pagam por 1$750 réis os 22 litros.

— O Tribunal do commercio abriu fallencia á firma commercial José Feliciano Pessoa & Filho, da Pocariça, sendo o passivo superior a 36 contos e o activo a 12 contos.

— Houve hoje dança no carramachão e pavilhão dos ranchos. Os festeiros projectam novos bailes para á noite de 24 para 25 do corrente mez.

— Ao nosso amigo, dr. Horacio Poiares, enviamos os parabens, por terminar a sua formatura em direito.

*Correspondente.*

# SECÇÃO AGRICOLA

### AS DOENÇAS DA VINHA

Eis os symptomas das principaes molestias que atacam a vinha.

*Oidium.*—A videira atacada d'esta molestia apresenta um aspecto abatido, as folhas perdem o brilho, adquirindo uma côr livida, e as partes verdes cobrem-se de um pó esbranquiçado com um cheiro pronunciado a bolor. Passados dias, este pó toma uma côr parda, tornando-se as nodoos de brancas em escuras, e parece paralysar-se o desenvolvimento dos novos sarmentos para dar logar ao crescimento de ramos secundarios, os quaes se encrespam em geral, voltando a face inferior das folhas para dentro, ao passo que na superior, cheia de um pó branco, se formam nodoas irregulares.

*Anthracnose.*—Esta molestia apresenta-se á primeira vista por pequenos pontos isolados de côr castanho clara, que alastram rapidamente, adquirindo uma côr mais carregada, que semelha muito os effeitos de uma saraivada.

*Mildiú.*—Manifesta-se por nodoas brancas, na parte inferior da folha, muito parecidas com sal moido, e que se transformam em cinzentas na queda prematura da mesma folha.

*Rot.*—Vegeta sobre os bagos, com apparencia de manchas escuras, endurecendo e engelhando o cacho.

*Phylloxera*—O symptoma exterior, pelo qual se reconhece á primeira vista esta doença, é a desigualdade da vegetação, vendo-se videiras magnificas suspenderem em maio e junho o seu desenvolvimento, tornando-se definhadas, amarellecendo de folhas com uma orla vermelha pelas suas bordas e cahindo prematuramente.

*Fungosidade.*—Tem quasi os mesmos symptomas do phylloxera, amarellecimento de folhas, sarmentos rachiticos, no collo da cepa e nas suas principaes raizes filamentos brancos com um pronunciado cheiro a bolor. A principal causa d'esta doença é a humidade do terreno.

*Pyrale.*—E' uma borboleta noctuma que devora em junho e julho as folhas, pampanos e pedunculos dos cachos.

*Erineum.*—A folha atacada por este verme é coberta, na face interna por uma vegetação branca e rosada que vae escurecendo, fazendo-a cahir; este parasita, picando as folhas, produz umas empôlas que se estendem muitas vezes a toda a sua superficie.

# SECÇÃO LITTERARIA

### OLHAR NEGRO

X

O' minha Amada d'olhos negros,
—Da côr das noites sem Luar,
Tem symphonias teu olhar,
Threnos de Luz, doces *allegros*;
O' meu esvelto nenuphar
De trança escura e olhos negros!

Julgo ouvir, flôr da magnolia,
Quando escuto o teu fallar,
Pela amplidão, da harpa Eolia
O delicioso vibrar.
Andam em teu labio a brincar
Ledos perfumes de magnolia.

Abandonada á viração,
A negra trança a afflar,... a afflar...
Tremúla, ondeante, a ciciar
A mysteriosa canção
Que ouço Syringe suspirar
Quando perpassa a viração.

O negre olhar!... O negro olhar!...
—Eis meu Ideal, eis meu Desejo!
A Treva e a Luz deram um beijo,
E esse beijo, a palpitar.
Crystallisou n'esse lampejo
Com que hoje fére o teu olhar!...

O teu olhar!... O teu olhar!...
—O meu Desejo!...

*

O' Donzella dos olhos côr da Noite
Em que Phebo não mostra o seu diadema
Abrigam os segredos da zurema
Teus olhos, onde a Dôr nunca se acoite!
—O Sonho, o Amor, a Ventura suprema!...
O' minha Bem-Amada!
Surja do nosso Amor a rubida alvorada!...

Eu corro no corcel da Fantazia
Pelos irizados campos que me abriste;
O meu olhar no teu olhar assiste...
O teu olhar, o facho que me guia!
A que a minha vontade não resiste!
Ai, os campos do Amor!
Onde ha Luz e Perfume e rouxinol e flôr!...

Quando poizaste em mim o teu olhar,
Quando em ti o meu olhar poizei,
—Noite feliz que nunca olvidarei!
Ouvi ao longe um rouxinol cantar
Uma trova d'Amor, e suspirei...
O rouxinol cantava,
E a lyra da minha Alma ao teu olhar vibrava!...

Minha Dama de faces opalinas,
Minha Virgem de labios de coral,
Prender-nos-ha o laço nupcial
N'uma fresca Alvorada purpurina,
N'uma Manhã perfumada, estival...
Ai... minhas ambições
São reunir n'um só os nossos corações!...

Aveiro, 30—6—93.

*Elizio de Lima.*

# BIBLIOGRAPHIA

*Dor.*—Com este titulo e n'uma esmerada edição, acaba o sr. Paulino de Oliveira de publicar o seu primeiro livro de versos, uma estreia das mais auspiciosas entre as muitas que ha tempo se veem fazendo.

Repassada d'uma suave e doce melancolia, a *Dor*, como o titulo por si o indica, é um feixe de versos artisticamente escriptos, certos de metrificação e eguaes de cadencia e de harmonia, onde se revella uma alma de poeta e uma intelligencia pouco vulgar.

A edição da infatigavel empreza editora do sr. F. Chagas, da rua Aurea, 69, Lisboa, é, como dizemos acima, esmerada e elegantissima.

---



Cesar, Roma em Sião, seria elle um alchimista politico de tal ordem, que levasse a cabo esse processo?! acreditamos que não; os codigos politicos resistem mais ao cadimo do que as opiniões do ambicioso. Mas afiguremo-nos mais (e revistamo-nos por agora da gravidade do assumpto) afiguremos-nos que, adoptados os delirios d'este demagogo, apparecia o principio democratico exclusivamente triunfante na confecção do novo codigo; quem poderia responder dos resultados? não erão de suppor que o conflicto se estabelecesse entre o parlamento, e a corôa; que a lei do estado sofresse, que se abalasse o edificio social, que se conflagrassem as maças, que á Constituinte succedesse a convenção, á convenção, Varenes, é a Varenes a anarchia? E como então reagir contra a tormenta! Como restaurar a Carta! Como jurar fidelidade a esse codigo sobre a espada de D. Pedro? Imaginemos por ultimo (e embora seja esta a ultima hypothese gratuita) imaginemos que outros tempos, outro espectaculo de cousas, não tinhão impedido Costa Cabral de fazer na sua pulitica as modificações que lhe estão sendo tão proficuas, qual não deveria ser agora a sua dor, vendo que com alguns arrebatamentos de mancebo arrastára a nação a tantos males? Que S. Paulo de nova especie não veriamos nós por essas ruas, missionando noute e dia contra as blasfemias proferidas? E que lhes restaria por ultimo fazer quando visse que o precipicio estava aberto, e que fôra elle o que o cavára! Ou acceitar a condição de Desmoulins, ou dar-se a si proprio o destino que teve um dos discipulos de Christo. Perdoem-nos a digressão; nós voltamos ao assumpto.

Em quanto o Congresso se occupava de discutir o projecto de Constituição, que por espaço de quatro annos devia servir de lei fundamental d'este reino, o violento Antonio Bernardo não perdia occasião, de por toda a parte mostra-se tal qual desejava ser conhecido. Inquieto por indole, sequioso de poder, e devorado de cubiça, não deixa escapar um só ensejo de indispor os do Arsenal com o governo, e os do governo com os do Arsenal. Se o encontrão nas praças e um *sans culotte* que falla; se vão escuta-lo aos Clubs é o energumeno que se debate; se volta de lá ao parlamento é um deputado que



conspira. Tendo meditado derrubar a Administração, passar talvez da Administração ás Instituições, e das Instituições não sabemos aonde, ninguem lhe parece assás exaltado, nenhum meio o espanta, nenhuma medida é injusta. Quanto não daria hoje esse homem por poder apagar da memoria de todos o papel que representou ha seis annos?! desejo vão! a historia espera o seu nome, e é preciso que lh'o demos viridico. Tudo n'esse tempo parece que era licito para elle, tudo estava no direito do povo — desde a petição por escripto até ao assassinato por traição. Custa na verdade a accredital-o, mas é por ahi demasiado notorio que muitas vezes aconselhára aos do seu bando contra o general Barão do Bomfim, contra Julio Sanches, contra o Barão da Ribera de Saborosa; ao primeiro dizia elle; a que lhe escalem a casa pela «janella no «sitio aonde a guarnece uma parreira:» ao segundo: «que lh'a «assaltem pelos telhados sendo estes baixos e faceis; e ao ter«ceiro em fim: que para conseguir entrar-lhe em casa de su«bito diligenceiem comprar o inquilino do primeiro andar de «onde sem difficuldade poderão passar-se ao segundo.» Embora alguem lhe obstasse que não era facil commetter tantos crimes sem dispertar a attenção da policia: Cabral a tudo descobre remedio; — simula-se um motim, continua dizendo o bom do conselheiro «simula-se um motim no bairro baixo, «e as partrulhas acudindo áquelle ponto, deixar-vos-hão o campo livre nos outros.»

Eis-aqui um homem de genio, uma verdadeira cabeça d'estadista! Se porém tantos promenores são d'invenção é o que nós não ousaremos decidir; ajuize-o quem nos ler.

Este continuo incitar de tribuno, algum desgosto no povo, e a tendencia que em certas classes se manifesta constantemente para o movimento devião dar em fim um resultado; derão-no com effeito, e tal que a nação o recordará por muito tempo. Nascerão de ahi as comoções dos dias 9 e 13 de março, e com ellas uma nova scena para a vida tragi-comica de Costa Cabral.

No segundo d'esses dias o batalhão do Arsenal sublevase; Sá da Bandeira é arvorado em *plenipotenciario politico*



«são; feita ao meio dia, no mais povoado da cidade, escoltada «por quasi toda o guarnição da Capital, armado de pistolas! «e senão digam-me: Sabia ao não Costa Cabral que se pro«jectava alguma cousa? Se o sabia porque não previniu! Se o «não sabia porque se armou de pistolas? Está claro que foi «elle que arranjou o tal motim, para se fazer heroe, quando «tinha as costas quentes. A mim me não embaça elle, e já no «Paço o disse a alguem» Mas hoje o B. provavelmente em virtude da lei da *attracção dos contrarios*, quando falla de Costa Cabral é com todas as qualidades negativas da escravidão (que já antes de o dizer *Eugene Sue* erão) submissão céga=resignação stupida=parciencia inerte.



portuguez: continuemos. Em sessão de 8 de setembro interpela os ministros do reino e guerra «por não ter o governo «feito uma promoção ao exercito, tomando na devida conside«ração os serviços prestados pelos militares, que no sitio de «Valença. Chão da Feira, e Batalha de Ruivaens, pugnarão «em defeza das instituições proclamadas em setembro do an«no antecedente. Na de 20 de outubro propoem que se votem «agradecimentos aos bravos que debelaram a facção (a revo«lução cartista de 1837) que acendeu a guerra civil no paiz, «e pertendeu aniquilar as instituições proclamadas pela nação» e na de 6 de fevereiro de 1844 (quem o acreditará!) pédo poderes descripcionarios para decretar d'exilio o de exterminio esses proprios bravos que elogiára, querendo que uns vão expirar em sertões d'Africa, e que outros o abençoem magnanimo por que lhes dera as vidas salvas!

Na de 30 de outubro, fiel ao seu systema de interpolações, e constantemente sequioso de vinganças, desafoga mais uma vez a sua colera invectivando o ministerio, por que não é assás expedito na demissão dos Cartistas.—«Roqueiro, diz «elle, que sejão immediatamente demittidos todos os Cartistas «que se achão empregados, e que eu proprio indigitei ao go«verno entretanto que na qualidade de commissario civil per«maneci junto ao general Barão da Bomfim.» Quem soubar que Marat pedio por passatempo na Convenção Franceza — «o sangue de duzentas mil victimas, a cabeça do rei, e uma «dictadura,»—seguramente não se admirará d'estes apoucados requerimentos d'Antonio Bernardo; mas se ao mesmo tempo reflectir, que as demissões dadas a quem não tem outro pão de que se alimente matão tanto como a guilhotina, e não fôr tão dotado de bondade, que queira reputar por mera fabula a scena do club de que ha pouco demos noticia, hade por força concluir, que só faltou a Antonio Bernardo para formular a mesma *supplica trina* do sanguinario republicano, addiccionar aos dous pedidos da cabeça do rei, e sangue das victimas, o da instalação da dictadura. E nem se diga, que no requerimento que fez haveria por ventura indiscripção, ou simples desejo inconsiderado de convidar a que apregoassem seu no-

Recommendamos aos nossos leitores os dois annuncios que hoje publicamos d'aquella conceituada livraria editora, e que vão na secção respectiva.

Do *Manual do Carpinteiro e Marceneiro*, de que está fazendo uma bella obra a conhecida casa dos srs. Guillard, Aillaud & C.ª, recebemos mais fasciculos que augmentam de valor outra publicação.

## CARTA DE LISBOA

4 DE JULHO DE 1893.

Não se pode considerar inteiramente desafogada a situação do gabinete, ele que as cousas lhe não correm bem prova o que se tem passado ultimamente em ambas as casas do parlamento. Vale-lhe, ampara-o na queda que o espera, a prudencia do partido progressista, que se não precipita, que não ambiciona o poder, mas que terá de acceital-o n'um praso curto, se as cousas, sob a actual administração publica, não tomarem melhor caminho.

A substituição de alguns ministros é infallivel. O ministerio dará todo a sua demissão, sendo encarregado de formar novo gabinete o sr. Hintze Ribeiro. E' isto o que se diz, e o que é mais provavel que succeda, visto que o illustre chefe do partido progressista não julga ainda chegado o momento oportuno para a sua ascensão. O que tem de succeder está para breve, pois que as camaras tambem se não podem conservar abertas por muito mais tempo. A sua conservação significa já um grande esforço sobre o patriotismo de muitos e nem todos estão resolvidos a suportar o pezo da cruz por muito mais tempo.

— O que se passou na reunião de sabbado ultimo, no centro progressista, e sob a presidencia do sr. conselheiro José Luciano de Castro, com o fim de resolver sobre a attitude a seguir no parlamento perante as medidas de fazenda pendentes da discussão foi: Resolveu-se votar a generalidade do projecto sobre contribuição industrial, para se indicar com isso que o partido progressista entende que a contribuição industrial é susceptivel de modificações que augmentem as receitas publicas, mas não votar a especialidade se não se introduzirem no projecto importantes alterações.

O partido progressista não concederá ao governo nenhuma auctorisação, nem mesmo aquella para que desejava ficar auctorisado, para resolver no interregno parlamentar as questões pendentes com a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes e com o empreiteiro das obras do porto de Lisboa, para sua conclusão por meio de um novo contracto.

O partido progressista presta mais um bom serviço á administração publica evitando que questões que envolvem responsabilidade de alguns milhares de contos sejam resolvidas pelo livre alvedrio do governo. Estes assumptos estão estudados e estabelecidas as bases dos accordos e por isso não haverá difficuldades em submetter os respectivos projectos á sancção do parlamento.

Resolveu mais o partido progressista insistir pela discussão do *bill* de indemnidade. Realmente não comprehendemos que hesitação possa ter o governo em fazer discutir e julgar os actos do gabinete presidido pelo sr. Dias Ferreira, actos que o partido regenerador combateu vigorosamente. Ha medidas que foram mesmo vehementemente atacadas e que não podem nem devem ser mantidas. Na lei orçamental o governo já suspendeu a execução de dois artigos da reforma do almirantado, um que havia sido alli introduzido com sobrescripto pessoal determinado, outro que authorisava o absurdo de reformar uma certa classe da corporação da armada n'um posto que o seu quadro especial não comporta, como outro dia succedeu, isto é, reformar-se um facultativo naval em vice-almirante, quando no quadro o posto extremo é o de capitão de mar e guerra!

Se o governo não hesitou, n'uma lei especial, em suspender a execução de dois artigos da famosa reforma do almirantado, porque é que hesita em rever e modificar o resto das medidas decretadas pelo gabinete Dias Ferreira? Os decretos que cercearam as immunidades municipaes, que atacaram a autonomia administrativa dos districtos, que desorganisarem os serviços do Tribunal de Contas, que alteraram *dolosamente*, como se disse, as formulas do processo, podem lá subsistir?

A discussão do *bill* de indemnidade, além de importar ás conveniencias da administração, á regularidade dos serviços publicos, importa tambem á moralidade, porque tendo os actos do ministerio transacto sido tão energicamente combatidos pelos partidos, seria uma abdicação vergonhosa deixal-os sem o correctivo que está nas attribuições do parlamento applicar-lhes. Seria um pernicioso exemplo dado a governantes e a governados.

A discussão do *bill*, além d'isso, não deve levar muito tempo, visto que não julgamos possivel qualquer divergencia ou desaccordo entre os dois grupos preponderantes na camara ácerca da maioria dos decretos da abusiva dictadura. A defeza por parte do sr. Dias Ferreira, não poderá ser longa, porque o eminente parlamentar já deve ter reconhecido que perde o seu tempo com os seus discursos em que ninguem acredita.

— Como acima lhe disse, o partido progressista reunido sob a presidencia de seu prestigioso chefe, resolveu pugnar em côrtes pela discussão do *bill de indemnidade* ainda na presente sessão legislativa. O facto revela que não estão esquecidas as tradições gloriosas do honrado partido liberal, que foi sempre uma garantia de ordem e de moralidade, e que v. tinha razão quando exigia a observancia do preceito constitucional nos seus artigos. Se o parlamento não zelasse as suas prerogativas, dando ou negando o seu voto aos actos dictatoriaes da situação passada, teria resignado o mandato, consentido que absorvessem as suas faculdades legaes, para o executivo se arvorar sempre que quizesse em uzurpador, fazendo e desmanchando leis, como se entre nós vigorasse o regimen absoluto. E' um acto d'alta importancia e valor que o partido progressista tome na camara a iniciativa para a discussão da questão constitucional. Fazel-o, era para elle um caso de honra. Antes de tudo a lucta pelos principios. Acima do embate das paixões, o acatamento das formulas do systema representativo. E se ia esmorecendo o amor pela liberdade, se a muitos não importava que se discutisse e votasse o *bill*, ao paiz desagradava que se anpozesse o silencio á discussão livre sobre reformas ou remodelamentos, a que o executivo nunca devia metter hombros, porque não tinha sido para isso devidamente auctorisado.

— O *Diario Illustrado* publicou hontem o retrato e o elogio biographico do distincto official e illustrado parlamentar o sr. José Estevão de Moraes Sarmento, um dos vultos mais sympathicos e bemquistos da moderna geração de homens publicos do nosso paiz.

— As *Novidades* criticando a posição do sr. Fuschini no parlamento diz: «Causaram enorme impressão os dois ultimos discursos que, sobre o projecto de contribuição industrial, alli pronunciou o sr. Mariano de Carvalho. Com um sopro caiu aquelle castellinho de cartas! Era de vêr a cara de espanto com que camaras e galerias assistiam á derrocada! O sr. Mariano annullou completamente todas as tentativas que se façam para levar por diante a votação da especialidade do projecto. A obra do sr. Fuschini caiu no pó que levantava ao tombar cada disparate que o sr. Mariano ia pacientemente annotando. Bravo! E' um regalo vêr um homem de talento assentar a sua superioridade, desforçando-se, em occasião propria, dos aggravos insistentes d'um critico implacavel, que, posto ao trabalho, não produziu coisa de valia. Bravo! bravo! A facada deixou o sr. Fuschini de tripas ao sol!

— A senhora Duqueza de Montepensier já regressou a Hespanha. Sua alteza seguiu no *Sud-Express* em direcção a Madrid.

— Sua Magestade a Rainha, viuva, é esperada aqui dentro de poucos dias. Crê-se que até sabbado a Senhora D. Maria Pia estará em Lisboa.

— O sr. Conde de Cazal Ribeiro vae ser nomeado presidente da junta do Credito Publico.

— A cadeira de inglez que vagou no lyceu do Porto, foi provida no sr. padre Manuel José Rodrigues, que desempenhou este mister em Bragança.

— Estão em pleno lucto o nosso venerando amigo sr. Jeronymo de Moraes Sarmento e seu filho o sr. José Estevam de Moraes Sarmento, e deve estar tambem em profunda dor o sr. Manuel Firmino. Aquelles acabam de perder a melhor das esposas e a mais affectuosa das mães; e este a irmã querida do seu coração amantissimo. A Senhora D. Maria Emilia de Moraes Sarmento pereceu hontem ás 11 da noute, fulminada por uma congestão cerebral. Ha muito que soffria, mas cuidada sempre por um marido exemplar, por um filho extremosissimo e por uma santa nora, que pozeram sempre acima de tudo os cuidados pela existencia da que tão cara lhes era, viveu até á edade de cerca de 74 annos, cercada de attenções e de desvellos que dificilmente poderão egualar-se. E' do Ceu, é de Deus pois a que tão virtuosa foi na familia e na sociedade. Que o Senhor dê forças aos doridos para poderem suportar tão cruciante dor. E' muito longa a lista de parentes d'esta vasta familia, e por isso muitas pessoas que considero estão hoje em lucto. A todos acompanho no sentimento que no momento a todos punge.

— O sr. bispo de Coimbra mandou reproduzir, em ouro e em miniatura, o tumulo que encerra o corpo de Santa Isabel, para offerecer a Sua Magestade a Rainha.

— Vae grande desintelligencia no campo republicano. Por um ukase da parte mais patriotica d'aquella agrupação são postos fóra do gremio os 39 que foram a Badajoz; estes receberam já a mais completa exautoração. Do que está succedendo no meio republicano portuguez está-se rindo muita gente.

— Já correm impressos em volume todos os pareceres juridicos sobre a escriptura ante-nupcial dos srs. condes de Penha Longa. E' notavel a conformidade de opiniões dos mais distinctos jurisconsultos do paiz sobre essa interessante questão, de que só diverge o conselheiro José Dias Ferreira. Os pareceres publicados são dos srs. drs. Alexandre Braga, Alfredo d'Oliveira, Alves da Fonseca, Assis Teixeira, Baptista de Sousa, Armelim Junior, Avelino Callisto, Moraes Carvalho, Silva Poyares, Barbosa de Magalhães, Barjona de Freitas, Bento Guimarães, Sousa Viterbo, Carlos J. d'Oliveira, Carlos Mathias Pereira, Pinto Coelho, Alves de Sá, Franco de Castro, Frederico Arouca, Gabriel de Freitas, Guilherme de Sousa, Oliveira Valle, Joaquim Ruella, José Correia de Miranda, Oliveira Valente, Lopes Godinho, Paiva Pitta, Lopes Praça, Luciano Monteiro, Reis Torgal, Chaves e Costro, Telles de Vasconcellos, Vicente Monteiro, Guimarães Pedrosa, Alves Moreira, e Dias da Silva. Esta questão, tendo sido resolvida na Relação de Lisboa a favor da sr.ª condessa, subiu por meio de recurso ao Supremo Tribunal de justiça, onde deve ser julgada brevemente, crendo todos que a resolução superior não pode deixar de ser favoravel á sr.ª condessa. Ao menos é essa a crença geral, porque a par d'ella está a justiça.

— A questão das lavadeiras, apesar das instancias que ellas fazem para obterem a justiça que lhes negam, continua sem solução agradavel para as infelizes. Hontem estiveram nos paços do concelho, para saberem da commissão executiva da camara municipal a solução que tenciona dar ás suas pretensões. Em consequencia, porém, do sr. presidente da commissão estar ausente de Lisboa, e do sr. vice-presidente se achar na camara dos pares, não houve sessão, e as lavadeiras não poderam obter resposta sobre o assumpto pendente que tanto as interessa. Esta demora não lhes deve, porém, trazer consequencias que peiorem as suas circumstancias, visto que a postura contra a qual reclamam, não está posta em execução, em virtude de difficuldades que se apresentaram para a sua organisação pratica. Depois de sahirem da camara municipal, as lavadeiras, em numeroso grupo, dirigiram-se ás redacções d'alguns jornaes, a fim de obterem a protecção da imprensa para a sua causa. Aquellas com quem fallei disseram-me que em virtude das suas precarias circumstancias não podem satisfazer o que a nova postura exige d'ellas, porque o que pagavam antes d'ella já com difficuldade o faziam. As lavadeiras acham-se indignadas contra o que chamam uma violencia, e dizem que se a postura for por diante se verão obrigadas a abandonar o mister que exercem.

— As deliberações tomadas pelo partido progressista causaram a mais favoravel impressão no paiz, que vê como elle comprehende o seu dever de zelar e defender os verdadeiros interesses publicos. Nos circulos ministeriaes não se occulta que a situação do governo é muito melindrosa e que a recomposição parece inevitavel. Tambem se falla na dissolução das camaras se houver qualquer votação contraria ao governo, o que aliás é provavel visto que o governo não dispõe de maioria na camara dos senhores deputados, desde o momento em que o partido progressista lhe seja abertamente hostil, porque os seus votos com os dos amigos do sr. Dias Ferreira, representarão, n'um dado momento, a maioria.

— E' muito grave a accusação que o *Reporter*, no seu n.º de hoje, faz ao actual commandante do 21 com quartel na Covilhã. O alludido jornal diz, que o official de que se trata esteve em relações com os revoltosos de 31 de janeiro, e que ainda hoje as mantem com os homens que foram a Badajoz. Isto é muito sério e carece de investigação prompta e rigorosa. Diz mais o *Reporter* que o sr. Sousa Dias foi na Guarda o principal elemento do partido republicano, e ha-de, na Covilhã e no commando do corpo que a imprevidencia do governo lhe confiou, seguir o mesmo caminho. O artigo do jornal deixa aquelle official n'uma triste situação — situação que está a exigir uma syndicancia immediata e uma justificação prompta.

— Acha-se ha dias em Lisboa, aonde não vinha ha annos, o nosso illustre compatriota e distinctissimo barytono Francisco de Andrade, depois de haver percorrido um grande numero de estações lyricas da Russia, Allemanha e Inglaterra, e alcançado d'esses publicos, aliás intelligentes mas difficeis de satisfazer, as mais largas saudações e applausos calorosos. Os seus amigos congratulam-se pelo regresso a Portugal do nosso illustre compatriota, uma gloria artistica indiscutivel do paiz, que não é prodigo n'ellas. Eu sinto o maximo prazer em registar aqui os successos do notavel cantor, que é hoje um dos primeiros interpretes europeus na voz de barytono.

— Continua a mania dos suicidios. A ideia alastra-se até ao ponto de que quasi chega a aterrar os que se não acham affectados d'ella. Hoje temos mais um para o numero dos desesperados da vida. O caso conta-se assim. Hontem de manhã metteu-se, no Rocio, n'um carro de praça e mandou seguir para a rua Luz Soriano, um rapaz correctamente vestido de preto. Ao passar o carro em frente da casa que tem o n.º 100 ouviu-se um tiro. O cocheiro parou immediatamente e chamou um policia. O passageiro estava caido sobre o lado direito e todo ensanguentado. Em baixo um rewolver de cinco tiros, ainda com 4 cargas. Dirigiram-se logo ao hospital de S. José, mas ao chegar ao Rocio o ferido expirou. Então voltaram e foram ao governo civil buscar a guia para o cemiterio. Soube-se então alli quem era o suicida, pelos cartões de visita que trazia no bolso. Chamava-se João Carlos de Azevedo Coutinho Mello e Carvalho, e era filho do fallecido par do reino Antonio Mello e Carvalho e de D. Rita Caldas da Fonseca Mello e Carvalho, que reside na rua do Ferregial de Baixo, 21, 2.º. Encontraram-se-lhe 3 cartas, duas para D. Maria do Carmo Costa Franco, que mora no 3.º andar do predio n.º 100, precisamente o mesmo diante do qual o allucinado capaz se matou, e a terceira para sua mãe. No sobrescripto de uma das cartas dirigidas a D. Maria Franco lia-se: «E' de absoluta necessidade e conveniencia que a pessoa a quem esta vae dirigida a abra, leia e responda».

O suicida era official da secretaria da camara dos pares. Muito novo, pois contava apenas 21 annos, cheio de vida, dotado de um genio alegrissimo, perfeitamente despreoccupado, nada fazia suppor que elle podesse praticar tal acto de desespero. Na sua repartição era querido por todos, porque todos conheciam as suas bellas qualidades e na sociedade que elle tanto frequentava era tambem geralmente estimado. Um verdadeiro infortunio.

— Pelas analyses feitas pelo sr. dr. Pestana ás aguas das differentes nascentes que abastecem a capital se reconheceu que são optimas as aguas do Alviella, e as das diversas nascentes do aqueducto das aguas livres, e sómente foram encontrados alguns microbios (cole communis) nas aguas que correm no aqueducto das Francezas, desde Carnaxide até á Buraca de Bemfica. A Companhia das Aguas apenas teve conhecimento d'este facto deu immediatamente ordem, de accordo com o fiscal de governo, para serem inutilisadas as aguas d'este aqueducte, não obstante perderem-se uns 700 metros cubicos por dia.

— Desde o dia 1 do corrente que se declararam, em gréve, os vendedores particulares de sellos, em consequencia de lhes ter sido tirada, no orçamento do ministerio das obras publicas, a precentagem de 1 p. c. Deu isso em resultado que o producto da venda que, em todos os dias primeiros de cada mez, nunca é, em Lisboa, inferior a 1:000$000 de réis, ante-hontem pouco passou de 200$000 réis. E' bom saber-se que o numero de vendedores, na area moderna da cidade, sobe a 400. A gréve não é, nem será, porém, geral, pois ha muitos negociantes que, mesmo sem percentagem, continuarão vendendo sellos, só pelas outras regalias que dá essa venda. No entanto, tem prejudicado bastante os consumidores, pois hoje era já difficil encontrar sellos, de qualquer franquia que fosse. Para obviar a estes inconvenientes, vae a direcção geral dos correios annunciar publicamente os locaes, onde estão situadas as vinte e quatro estações telegrapho-postaes de Lisboa, nas quaes existem á venda sellos em abundancia. Esse annuncio deve ser publicado nos jornaes da manhã.

— Thomaz d'Aquino Parada, o sachristão da parochial de S. Thiago em Almada, foi preso por ter furtado varios objectos do culto d'aquella egreja, encontrados em Lisboa n'uma casa de penhores da rua da Atalaya. Interrogado pelas auctoridades locaes, declarou que tambem tinha roubado objectos na importancia de 500$000 réis da egreja de Nossa Senhora da Piedade, tendo como cumplices Duarte Vieira e Antonio Peres, de Almada, que fizeram venda de taes oblectos em Lisboa. Passada buscaem casa d'este ultimo, foram encontradas seis cautelas de penhor dos objectos empenhados. O *honrado* sachristão declarou mais ser tambem o auctor de um furto na egreja da Misericordia, roubando varios objectos, entre elles uma tunica do Senhor dos Passos. A justiça procede.

— Requereu para passar á magistratura judicial do reino, por ter completado seis annos de serviço na magistratura do ultramar, o sr. dr. Antonio Carlos de Carvalho Barreto, juiz de direito da comarca de Barlavento de Cabo Verde.

— Sabe-se agora que no pinhal de Leiria corre um incendio que vae tomando largas proporções. E' proximo d'Alação que elle está.

— Proroga-se o praso para a troca das cedulas de 100 e de 50 réis, como não podia deixar de ser.

— Acaba de suicidar-se na penitenciaria enforcando-se o preso Francisco Alves Costa, que tinha apenas 26 annos d'edade. Y.


# ANNUNCIOS

VICE-CONSULADO
DOS
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
EM
AVEIRO

EM cumprimento do artigo 45 do Regulamento Consular e em virtude do Exequatur de 25 de maio de 1893 se faz publico que este Vice-Consulado se acha em exercicio para Aveiro e seu districto desde 1 de julho de 1893.

*Carlos de Faria e Mello.*
Vice-Consul dos Estados Unidos do Brazil em Aveiro.

**CAIXEIRO**

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

**PRAIA DO PHAROL D'AVEIRO**

Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, aluga as casas que tinha n'aquella praia, e que hoje são de seu genro o sr. David José de Pinho, do Porto, as quaes teem mobilias completas, louças de cosinha e meza, fogões, dois poços, tanque para lavar roupa, grande quintal e cavalhariças.

**CREADA DE DENTRO**

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.
N'esta redacção se diz.

O ADVOGADO
**BARBOSA DE MAGALHÃES**
mudou o seu escriptorio e a sua residencia para o Largo da Trindade, n.º 17, 1.º—em Lisboa.

**LIVRARIA ACADEMICA**
69—RUA AUREA—69
LISBOA

O proprietario d'esta livraria acaba de receber um variado sortimento de livros com as ultimas novidades litterarias parisienses.
Livros d'estudo, sciencias, artes e lettras. Magnificos livros de missa com ricas encadernações. Estojos para desenho. Assignaturas para todos os jornaes estrangeiros, etc.
Encarrega-se de satisfazer, com a possivel brevidade, todas as encommendas que venham acompanhadas da respectiva importancia.

LIVRARIA ACADEMICA
DE
F. CHAGAS
69—RUA AUREA—69
LISBOA

**Dôr**

Com este titulo acaba de ser publicado um interessante livro de sonetos do sr. PAULINO D'OLIVEIRA, que se acha á venda em todas as livrarias, pelo preço de 400 réis.

LIVRARIA EDITORA—F. CHAGAS
69—RUA AUREA—69
LISBOA

**UNICO DEPOSITO**
DE
**FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS**
DE
**ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA**
RUA DE D. PEDRO, 87
**PORTO**

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes-mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que apparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os méus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

*Antonio Teixeira da Motta.*

**CAMBISTA TESTA**
**78, RUA DO ARSENAL, 78**
LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

**PREÇOS**

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

*Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.*

**CAMBIO**

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

**JOSÉ R. TESTA**
78, RUA DO ARSENAL, 78
LISBOA



DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

*Typographia Aveirense*, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.




me; fêl-o porque o desejava, porque queria ser ouvido, porque se lhe afogava a alma se o não conseguia, em fim, com tenção tão damnada d'obtel-o, que pesando-lhe as delongas do governo, novamente voltou á carga na sessão de 2 de novembro, e fez segunda interpelação sobre o assumpto.

Quatro annos depois, convertido o delator em apostolo, o deputado em ministro, o commissario em mandão, Cabral na vanguarda dos retrogrados, muito além dos estacionarios, o cospindo na face a quem pertende rossar-se por elle, vira o gumo da fouce demissoria contra os seus amigos d'outros tempos, e, semelhante á lava d'um vulcão, a nada poupa que alcance! Aqui não pode haver convicção, aqui não pode haver consciencia, e a força impulsiva das conversões não podemos suppôr que de boa fé induza o convertido a taes extremos. Converter-se não é o mesmo que depravar-se. Uma conversão é admissivel, concebemos que as haja de todos os generos, assim na moral como na politica, na vida publica como na domestica, do odio como na amisade, na religião como na filosofia, em fim em todas as possiveis affeições do coração humano, e em todas as crenças do entendimento, por que de tão mudavel natureza é formada esta nossa alma, que de momento a momento pede occupar se de novos objectos, porem o que até hoje não tinhamos comprehendido, nem o céo permitta que já mais possamos comprehender, é este todos os dias cambiante e sempre generico aborrecimento das maças, é o odio indefinido, que abrange inteira uma classe, é a sede indistincta da vingança, e é o desejo atroz de a saciar, já no partido que foi meu, já no que hoje é, já no que a sorte me tiver distinado para o futuro. O homem póde variar de côr politica, abjurar de seus principios, separar-se de seus correligionarios, e caminhar desassombrado por qualquer vareda opposta; tudo isso póde fazer, e por ventura que se for consciencioso não se degradará com esse acto; mas aborrecer odientamente os que uma vez chegára a amar, fulminal-os desapiedado, e a ninguem discriminar na sua colera, são actos que só damos ao immoral, conceber, e praticar. Não diremos, que Antonio Rernando o tenha feito; diga-o elle de si, diga-o a nação que o conhece, ou depois que o tiver conhecido n'este escripto. Prosigamos.

Desde a sessão de 27 de setembro, que o Congresso Constituinte começára d'occupar-se em discutir o projecto de Constituição, que devia servir de lei fundamental do Estado: o debate era importante, e offerecia um vasto campo á hyperbole; — qualquer mediocre orador, qualquer democrata podia alli cobrir se de louros; — não havia se não estender o braço e coroar-se. Quereis pois saber os que Antonio Bernardo colheu! — ahi vo-los damos viçosos. — Na sessão de 3 de outubro declarára que «se tivesse assistido á antecedente houvera «votado por uma só camara Legislativa.»—Na de 14 do mesmo mez «rejeita a opinião de que se constitua uma camara de «Senadores puramente de nomeação real; oppõe-se a d'elleição «mixta, e não acceita, em desespero de causa, senão a d'eleição popular.» Na de 7 de novembro recusa ao Principe Real, até a inoffensiva qualidade de Senador nacto. — Na de 9 de esse mesmo mez, faz declaração explicita de que votára contra o §. 1.º do art. 50 da Constituição, que arvora a camara dos pares em tribunal de justiça; — e em fim na de dezembro, com uma mão na consciencia, e outra sobre a urna, vota impavido «contra ao pensamento essencialmente organisa«dor do véto suspensivo, horrorisa-se á simples idéa do abso«luto, e conclue por despojar a corôa da mais importante de «suas regalias Constitucionaes.»—E, aqui o Cabral de 1837! — Reconheceu-o se podeis no homem d'hoje! Não lhe emprestamos côres; copiamos-lo de si mesmo, e temos uma justiça a fazer-lhe; durante esse longo debate nem uma só vêz se desmentio, — todas os suas idéas vão conformes, vê-se que caminha a um fim, e que tomando a corôa por alvo descarrega cerrado sobre ella. Suponhamos porem, que a Constituinte de 1837 menos nacional do que foi, menos monarchica do que a vimos, menos conscia dos verdadeiros interesses da liberdade, confeccionava um codigo tribunicio modelado pelas utopias demagogicas de Cabral; poderia elle modifica-lo em Carta Constitucional d'emanação regia?! elle que tudo modifica, que não acha inconveniente em modificar a lei em firman, bruto em

do lado do povo; é que desde que a administração de 16 de abril assumio a gerencia dos negocios, rapidamente se converteu o deputado opposicionista em acrisolado defensor do poder, respondendo com affouteza aos que sobre isso o interrogavam — «que se decidira a apoiar a administração por fazer parte d'ella Julio Sanches, a quem devia o seu despacho» — Sem moralisarmos a causal, que é identica a outra de que já demos noticia, vamos com o homem para diante. A procissão de *Corpus Christi*, dissemos nós, foi theatro d'uma nova commoção popular de que Sá da Bandeira esteve prestes a ser victima, e com verdade ou sem ella affirmáva se, que Vieira de Castro ahi figurára instigando-a; damos de barato que sim, mas ainda mesmo n'esse supposto, não era de certo Cabral quem devia perseguir o culpado, e elle foi exatamente o que mais cruel guerra lhe fez. Faltando-lhe testimunhas que o pronunciassem, deu tractos á imaginação por de algum modo as descobrir, e depois de encarregar *um amigo* que tomasse sobre si esse empenho, como se volvessem dias e semanas sem que apparecesse resposta, quando ao cabo de muito esperar volta em fim o *commissionado* declarando que nada podéra obter; Cabral, que parece devia lisongear-se com isso, rompe ao contrario em invectivas, exprobra lhe a indolencia, e quebra com elle para todo o sempre as antigas relações de amisade que os uniam. Procedimentos d'este genero não admittem commentario; aqui toda a questão é de verdade, — são ou não exactos os factos que se refférem!—no primeiro caso a moralidade vem de por si, no segundo só nos resta lastimar Costa Cabral como uma victima desgraçada da opinião publica. Em quanto porém o não fazemos resigne-se o leitor a acompanha-lo por mais cinco annos de vida noutra não menos espantosa scena politica. A nossa pena correrá breve. (*)

(*) Dias depois encontramos em casa da M. do... o B. de C.... o B. commentava a *valentia* do Administrador Geral, e descalçando as luvas com certa meditação dizia «Acho «extraordinario que Costa Cabral fosse assistir a uma procis-

entre os do motim, e os do governo; dirige-se ao foco da insurreição, e pergunta aos sublevados se desejão Antonio Bernardo por ministro; — *não*, respondem a uma voz os populares, «não queremos esse homem que é vendido ao poder, não «o queremos que é pasteleiro.» Este desengano foi duro; Cabral esperava outra cousa, e, comecando então a conhecer o que erão as simpathias das maças, como parece ficára convencido de que não era tão facil, escalar o poder pelo povo como pela adulação dos que o mandão, de aqui poderimos talvez datar a sua segunda phase pulitica, se avaliando o mais pelas convicções que pelos factos, não o quizessemos julgar senão no foro interno; mas pois que d'esta vez a sua methamorphose não foi ainda completa, e nem o despacho que por essa occasião obteve — de Governador Civil de Lisboa — conseguiu modifical-o senão por dentro, justo é que o levemos setembrista ao ministerio de 26 de novembro. Esta epoca avisinha-se, e nós vamos entrar n'ella; porém antes de o fazer, daremos mais um esboço de Antonio Bernardo como alto funcionario administrativo. — O anno de 1838 foi fertil em comoções, populares; alguns batalhões nacionaes e com especialidade o denominado do Arsenal, tinham tomado uma actitude de reacção permanente, que colocava o governo no receio de vêr a cada momento alterada a ordem publica. Cabral havia sido um dos que mais concorrerão para esse estado de cousas, e com tudo desde que entrára em exercicio de funcções administrativa, ou para melhor dizer, desde que á magra folha de juiz da Relação dos Açores substituira os lautos proventos de um cargo aonde ha pulicia secreta, já as comoções começavão a desgosta-lo, o já o povo para elle tinha perdido muito em direitos. Póde ser que digão que é falço, e que as convicções permanecendo as mesmas, pouco depunha contra elle a diversidade apparente dos factos; porém o que nós temos direito d'assegurar é, que na terceira e ultima comoção da Capital, a que deu nome a procissão de *Corpus Christi*, Cabral ou fosse por consciencia ou por effeito da sua condicção d'em empregado, appareceu figurando do lado do governo, entretanto que até alli, ninguem o vira senão a tramar